

**S U M A R I O**

- 577 — ● A Celebração da Palavra — FREI  
ROMEU DALE, O.P.
- 585 — ● Congresso de Dirigentes do Apostola-  
do Vocacional no Brasil
- 607 — ● O Educador no Internato — PADRE  
ECKINGER, S.J.
- 621 — ● Comunicação do Serviço de Procurado-  
ria da CRB
- 623 — ● Sentido da Pastoral — PADRE VIRGÍLIO  
ROSA NETTO, C.S.S.R.
- 635 — ● Note e Anote : Congresso Internacio-  
nal de Bombaim
- 637 — ● CRB Informa
- 639 — ● Recensões Bibliográficas

# A Celebração da Palavra

FREI ROMEU DALE, O.P.

**P**ARECEU-ME mais orgânico iniciar esta rápida apreciação da Teologia do Concílio Vaticano II pela Constituição dogmática relativa à Liturgia.

Como todos sabem, foi este o primeiro esquema a ser abordado no Concílio, como também o primeiro a ser aprovado e promulgado. Como dizia o Papa João XXIII, nada mais justo, pois que na raiz de tudo se encontram as nossas relações com Deus. Além do mais, era o esquema que, no começo, melhor correspondia às orientações que o Papa desejava para o Concílio: muito rico em doutrina — como veremos a seguir — mas ao mesmo tempo voltado para as urgentes necessidades pastorais do mundo de hoje. Fruto como era de uma renovação já iniciada no século passado. Parece-me, com efeito, importante notar este fato: uma das principais razões, senão a principal, que permitiram fôsse esse esquema apresentado com as qualidades que eram as suas, vinha certamente de ser ele fruto de uma renovação iniciada na França e na Alemanha, já na primeira metade do século passado, e depois estendida a numerosos países. Movimento litúrgico que foi enriquecido com as vagas que lhe vieram da renovação eclesiológica, bíblica e pastoral.

Justamente por isso, esse esquema que assim vinha exprimir o fruto maduro de tantos estudos, trabalhos como também sofrimentos, se tornava em razão de sua própria estrutura um apêlo: que a *História da salvação* e o *Mistério da Igreja* nela inserido fôsem, por sua vez, explicitados numa perspectiva profundamente doutrinária, já enriquecida, e ao mesmo tempo pastoral. É o que procuraremos mostrar ao abordar logo mais à tarde o estudo da Teologia da Igreja no Vaticano II (1).

---

(1) Esta exposição foi lida, e comentada, por ocasião de um Curso promovido pela CRB, em julho de 1964, para professores de seminário maior. A ela seguiu-se, na parte da tarde, uma outra exposição a respeito da Teologia da Igreja no Concílio Vaticano II.

## Contributo de Pio XII <sup>1</sup>

Na sua célebre Encíclica *Mediator Dei* sobre a Liturgia, pudera já Pio XII sintetizar grande parte de toda essa riqueza; e lembrar explicitamente que não é possível entender a Liturgia como sendo unicamente *o conjunto das leis e dos preceitos pelos quais a hierarquia eclesiástica ordena a execução regular dos ritos sagrados*. Além do mais, ele garantiu uma consagração oficial à renovação litúrgica, sobretudo com a restauração da Semana Santa, a que acrescentou uma série de medidas de menor envergadura mas muito úteis para facilitar aos fiéis a participação na Eucaristia e nos outros sacramentos. O Concílio, valendo-se dos grandes progressos do movimento litúrgico nestes últimos vinte anos, de modo particular no plano pastoral, e do benefício inestimável da reunião em Roma dos bispos do mundo inteiro — como do clima ecumênico que aí reina —, pôde dar um verdadeiro salto em frente.

## Posição da Liturgia

É assim que, desde o Proêmio da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, a Liturgia vem situada em toda a sua riqueza, pois que por ela *principalmente no divino Sacrifício da Eucaristia "se exerce a obra da nossa Redenção", (e ela) contribui do modo mais excelente para que os fiéis exprimam em suas vidas e aos outros manifestem o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja...* (§ 2, REB, dezembro de 1963, p. 990) (2).

Assim sendo, esses ritos sagrados, esses sinais sensíveis destinados a nós integrar na obra da nossa Redenção, nos obrigam imediatamente a abrir os olhos para a vasta e misteriosa perspectiva da história da salvação em toda a sua amplitude.

Essa Igreja, que Deus já deixou vislumbrar no paraíso terrestre, cujos lineamentos Ele foi colocando em Abraão, pai de todos os crentes, com Moisés, que estrutura o povo e em nome deste povo adere à Aliança que Javé propõe; essa Igreja da qual, *muitas vezes e de muitos modos, falou Deus outrora aos nossos pais pelos profetas* (Heb 1,1), tendo porém chegado a plenitude dos tempos, *enviou o seu Filho, o Verbo que se fez carne, unido pelo Espírito Santo, para evangelizar os pobres, para curar os contritos de coração, "málico carnal e espiritual", Mediator de Deus e dos homens* (§ 5, p. 901); essa mesma Igreja que Jesus Cristo instituiu, que, graças à ação de seu Espírito Paráclito, enviado de junto do Pai, foi oficialmente proclamada no dia de Pentecostes, não é no entanto senão o germe desse Reino que só desabrochará plenamente na eternidade, na Jerusalém celeste, *para a qual, peregrinos, nos encaminhamos, onde Cristo está sentado à direita de Deus, ministro dos Santos e do tabernáculo verdadeiro* (§ 8, p. 904).

(2) Todas as citações se referem à tradução do texto da Constituição publicada na Revista Eclesiástica Brasileira, dezembro de 1963, pp. 989-1046.

Mas se a própria estrutura divino-humana de Jesus Cristo o constitui Mediador entre Deus e os homens, — já que *sua humanidade, na unidade da Pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação; pelo que, em Cristo ocorreu "a perfeita satisfação de nossa reconciliação e nos foi comunicada a plenitude do culto divino* (§ 5, p. 991);

— ainda que, por tudo o que acabamos de dizer, a *vida toda* de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo seja instrumento de nossa salvação;

— sabemos no entanto que o mistério da Redenção se consumou propriamente com a sua morte, ressurreição e ascensão. Sabemos que o ápice e o coração da Redenção é o *mistério da Páscoa do Senhor*.

Ora, sabemos também que *na última ceia, na noite em que foi entregue, Nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de seu Corpo e Sangue. Por êle, perpetua pelos séculos, até que volie, o Sacrifício da Cruz, confiando dessa arte à Igreja, sua dileta Espôsa, o Memorial de sua Morte e Ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que Cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura glória* (§ 47, pp. 1011-1012; § 6, pp. 992-993).

Eis por que nada melhor para explicitar a doutrina e as orientações que nos vêm do Concílio do que penetrarmos um pouco na riqueza do *mistério da Eucaristia*.

### **Sempre antiga e sempre nova**

De passagem notemos que essas grandes l'nhas do mistério cristão, sendo elas as essências, — e a Liturgia tendo como missão fazer com que na Eucaristia e por ela se opere a nossa Redenção, pois que é o próprio Cristo na sua Páscoa que aí está presente e opera — não é de estranhar que toda a renovação litúrgica vá buscar nela a sua inspiração e o seu vigor.

Foi assim que nós vimos o carinho com que o Papa Pio XII se valeu de todo o trabalho do movimento litúrgico para in'ciar e ir levando adiante a restauração da Semana Santa — em que comemoramos de modo especial a Páscoa do Senhor;

foi assim que com todo o cuidado e o mesmo carinho êle iniciou a reforma do ano litúrgico procurando dar de nôvo, sempre que necessário, o devido destaque aos mistérios de Jesus Cristo, Nosso Senhor;

foi assim também que êle suprimiu uma série de obstáculos e instaurou uma série de facilidades destinadas a encaminhar um melhor acesso dos fiéis à participação no mistério eucarístico.

Essa perspectiva parece-me uma perspectiva capital para apreendermos bem toda a riqueza e profundidade dogmática da Constituição sobre a Liturgia; e é a única capaz de orientar e de sustentar a renovação litúrgica que ela vem consagrar e que deseja ao mesmo tempo ampliada e estendida ao universo inteiro.

Perspectiva que é igualmente a mais inserida na Tradição e a mais nova.

## Liturgia da Palavra e Liturgia do Sacrifício

Apesar de uma série de imperfeições que encontramos ainda no rito sacramental da Eucaristia, basta prestar um pouco de atenção para nêle descobrirmos — *hoje* — elementos primordiais e básicos de doutrina e de vida. Vou assinalar apenas algum mais diretamente ligado à Constituição sôbre a Liturgia e por ela explicitado.

A estrutura atual do rito eucarístico nos permite notar essa distinção que encontra sua raiz profunda no próprio mistério de Cristo : Deus *quer que todos os homens sejam salvos e que cheguem ao conhecimento da verdade* (I Tim 2,4; cf. § 5, p. 991). Ora, acontece que o Filho de Deus que se encarnou não é mais apenas o seu porta-voz, como os profetas do Antigo Testamento, e sim o seu próprio Verbo, a sua própria Palavra. É nêle pois que Deus Pai se revela a nós, na unidade do Espírito comum aos dois, e nos quer introduzir no seu mistério. Assim sendo, não é de estranhar que o rito eucarístico integre, com a importância devida, Jesus Cristo *presente pela sua Palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na igreja* (§ 7, p. 993). Ao mesmo tempo o Concílio sente a necessidade de dar uma importância maior a essa Liturgia da Palavra: seja utilizando muito mais o imenso tesouro contido nas Sagradas Escrituras — escolha melhor e mais variada das leituras — seja facilitando ao povo fiel o acesso e a inteligência dessa mesma Palavra, graças à sua proclamação em vernáculo (3).

Mas se a Liturgia da Palavra pode se apresentar como distinta da Liturgia do Sacrifício, ela não se encontra de modo nenhum separada desta última. Pois se Jesus Cristo é a própria Palavra de Deus, o Verbo de Deus Encarnado, é essa mesma Palavra que é a Verdade e que, mais ainda — e se é possível assim se exprimir — é a Vida : *nêle havia vida e a vida era a luz dos homens*. De modo que a Palavra que é proclamada e que revela o mistério, ou melhor em que — melhor ainda — em *quem* o mistério se revela, é essa mesma Palavra que o *cumpr*e, o *efetiva*. Por que não dizer : é essa mesma Palavra que se cumpre, se efetiva na Liturgia do Sacrifício ou da Páscoa do Senhor, da sua Morte e Ressurreição, para a salvação do mundo ? Dêste modo, a Eucaristia é um todo estruturalmente integrado, indissociável, em que a proclamação da Palavra de Deus em Jesus Cristo — que é Jesus Cristo — prepara e faz apêlo à consumação dessa Palavra nesse mesmo Jesus Cristo, cujo corpo e Sangue são alimento e bebida, Verdade e Vida para os homens e o universo inteiro (4).

Tudo isso é um mistério de fé: *mysterium fidei*. Eis por que também, nos diz o Concílio (§ 9, pp. 994-995) : *A Sagrada Liturgia não esgota tôda a ação da Igreja, pois, antes que os homens possam chegar-se da Liturgia,*

(3) Se tomarmos a sério êste aspecto da renovação litúrgica, que aliás lhe é essencial, sentiremos irrefragavelmente a necessidade de uma iniciação bíblica para (nós mesmos...) e os fiéis.

(4) Vamos ter que terminar com a casuística da missa que começa no Ofer-tório...

*faz-se mister que sejam chamados à fé e à conversão: "Como invocarão aquêles em quem não creram? E como crerão sem terem ouvido falar dêle? E como ouvirão se ninguém lhes pregar? E como se pregará se ninguém fôr enviado?"* (Rom 10,14-15). Por isso a Igreja anuncia aos não crentes a notícia da salvação, para que todos os homens conheçam o único verdadeiro Deus e aquêles que enviou Jesus Cristo, e se convertam de seus caminhos, fazendo penitência. Aos que crêem, porém, sempre deve pregar-lhes a fé e a penitência, deve, além disso, dispô-los aos sacramentos, ensinar-lhes a observar tudo o que Cristo mandou e estimulá-los para toda a obra de caridade, piedade e apostolado...

Seria necessário insistir sôbre a importância capital desta perspectiva? Sobretudo num país como o nosso? Em que, por deficiência da evangelização, seja em extensão como em profundidade, e pelo fato da penetração entre nós de ritos africanos e de fenômenos espíritas, além da descristianização que já se propaga, o nosso povo é levado facilmente a um ritualismo não muito longe do sincretismo religioso e ou então a cair pura e simplesmente na superstição?...

Em face das verdades comezinhas que a Constituição de Liturgia nos recorda, seria ainda necessário insistir aqui, entre nós e neste nosso Brasil, sôbre a necessidade de uma catequese que não se limite à instrução religiosa, mas que, pelo exemplo e pela palavra — "Jesus começou por fazer e ensinar" — introduza o povo fiel na totalidade da mensagem e na plenitude da vida de Jesus Cristo com tôdas as suas exigências?

### **Glória de Deus e santificação dos homens**

Pois só assim, como continuava o texto que citamos acima, *os fiéis cristãos manifestam que não são dêste mundo, mas sim a luz do mundo e os glorificadores do Pai diante dos homens* (§ 9, p. 995).

Ainda aqui basta prestar um pouco de atenção ao rito eucarístico para nos darmos conta de como êsses dois aspectos — a glória de Deus e a redenção dos homens — aí se encontram manifestados e indissolúvelmente integrados um no outro. Com efeito, na Eucaristia, *nós fazemos memória, junto de Deus Pai, da bem-aventurada Paixão de seu Filho, como de sua Ressurreição dos mortos, e mais ainda de sua gloriosa Ascensão* (Cânon da Missa), já que *Ele está presente no Sacrifício da Missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquêles que agora oferece pelo ministério do sacerdote é "o mesmo que, outrora, se ofereceu na Cruz"; quanto sobretudo sob as espécies eucarísticas* (§ 7, p. 993). Sacrifício cumprido, sangue derramado por muitos em vista da remissão dos pecados, e a fim de que os homens, redimidos, alcancem a vida e a tenham em abundância.

Que diremos depois disso? *Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquêles que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também com êle tôdas as coisas? Quem poderia acusar ês escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Cristo Jesus que morreu, ou, melhor, quem ressuscitou, que está à mão direita de Deus, é quem intercede por nós!... estou persuadido de*

*que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem as potestades, nem as alturas, nem os abismos, nem outra qualquer criatura nos poderá apartar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus Nosso Senhor (Rom 8,31-39).*

É por esse motivo que a Igreja, diletta Espôsa de Cristo, sente a necessidade de manifestar, ou melhor, de dizer alto e bom som o seu hino, o hino de toda a sua vida; da vida de todo o seu povo, à glória de Deus Uno e Trino: *Por Jesus Cristo, com Jesus Cristo, e em Jesus Cristo, é tributada a Ti, Deus Pai Onipotente na unidade do Espírito Santo, toda honra e glória.*

De modo que a Liturgia — de modo especial no mistério da Eucaristia — *é pois com razão considerada como o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo, pelo qual, sob sinais sensíveis se significa e se realiza... a santificação do homem, e, através do Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros, se exerce o culto público integral (§ 7, p. 994).*

*Realmente, em tão grandiosa obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo sempre associa a si a Igreja, sua Espôsa diletíssima, que invoca o seu Senhor e por Ele presta culto ao Eterno Pai (§ 7, pp. 993-994).*

### **Culto integral do Corpo Místico**

Durante vários séculos, e ainda hoje no mundo ocidental — ou melhor de rito romano, — vemos os cristãos se apresentarem no Domingo para assistir à Missa, como se fôsse para assistir a um espetáculo. Nem mesmo isso, pois que ainda com freqüência eles se encontram totalmente alheios ao rito sagrado que se está celebrando; como se não bastasse o mistério, e nós o transformássemos em realidade esotérica. Quando muito ficam os fiéis rezando sozinho, ou em voz alta, e cantando orações como melodias que pouco se integram — é o mínimo que se possa dizer — na Eucaristia que se está realizando.

Dir-me-ão que as coisas já estão mudando. Deus seja louvado. E já não é sem tempo. Nem é preciso nos obrigarmos a reler o Novo Testamento a respeito; esquadrinhar em seguida as origens da Liturgia e a prática que até hoje vigora nas igrejas orientais. Basta abrir o missal e ler com um mínimo de atenção o que aí se encontra tanto no que se refere às palavras como aos ritos.

A Eucaristia — e em torno dela os outros sacramentos e ritos sacramentais — não é uma coisa do padre, do celebrante ou daquele que administra o sacramento. Pelo contrário, todo o desenrolar do rito eucarístico faz apêlo àquilo que Pio XII chamou — e a Constituição retomou — de “plena, consciência e ativa participação dos fiéis”. Pois que esse rito sacramental em que se opera o mistério de nossa Redenção exige para que dê benefícios que — movidos pelo Pai que nos atrai — demos a nossa adesão consciente, rica da liberdade dos filhos de Deus, de modo que a vida de Cristo se manifeste cada vez mais na nossa própria, a ponto de podermos dizer com São Paulo: *já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim.*

Eis por que nos diz a Constituição dogmática: *Deseja ardentemente a Mãe Igreja que todos os fiéis sejam levados àquela plena, cônica e ativa participação das celebrações litúrgicas, que a própria natureza da Liturgia exige e à qual, por força do Batismo, o povo cristão "geração escolhida sacerdotio real, gente santa, povo de conquista" (I Pe 2,9; cf. 2,4-5) tem direito e obrigação (§ 14, p. 998).*

Não é à-toa que durante toda a celebração da Missa o celebrante requer a aprovação dos fiéis; nem é sem motivo, quando, dentro do próprio Cãnon da Missa, êle se dirige a Deus Pai, pelo seu Filho e na unidade de um mesmo Espírito, para lembrar todos os presentes *pelos quais Te oferecemos, ou melhor que eles próprios Te oferecem êste sacrifício de louvor; nem tampouco, quando consagrados o Corpo e o Sangue do Senhor, o ministro prossegue: Eis por que Senhor, nós e todo o teu povo santo nos lembramos...*

Mas, para que insistir? A doutrina hoje já recobrou o seu vigor e brilha com luz meridiana.

Talvez conviesse apenas assinalar toda uma série de decisões pastorais — ainda aqui prenhes de doutrina — e destinada a transformar em realidade aquilo que pertence à própria estrutura tanto do rito eucarístico como dos demais sacramentos: o seu aspecto *comunitário*, em que a Igreja na sua totalidade — a da terra, como a do céu e do purgatório — está comprometida; pois que ela se incorpora a seu Chefe de modo a ser a sua diletta Espôsa, o seu povo consagrado, o Corpo de que Cristo é Cabeça, numa palavra, o Cristo total.

Vamos poder então celebrar a Missa, numa grande parte, em vernáculo; um esforço vai ter de ser empreendido com vistas a fazer com que as celebrações litúrgicas beneficiem nos gestos como nas melodias daquilo que a cultura dos diversos povos possui de melhor; a comunhão sob duas espécies fica autorizada em algumas circunstâncias, ainda pouco numerosas, mas já significativas; como, sobretudo, se vai poder voltar na Igreja do Ocidente, e de maneira quase habitual, à *concelebração*.

### Liturgia e vida cristã

A esta altura, não parece difícil de maneira nenhuma, pelo contrário, acolher a afirmação da Constituição: *... a Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja, e ao mesmo tempo é a fonte donde emana toda a sua força. Pois os trabalhos apostólicos se ordenam a isso: que todos, feitos pela fé e o Batismo filhos de Deus, juntos se reúnam, louvem a Deus no meio da Igreja, participem do Sacrifício e comam a ceia do Senhor (§ 10, p. 995).*

Contanto que não nos esqueçamos: *a vida espiritual não se adstringe unicamente à participação da sagrada Liturgia. O cristão, chamado para a oração comunitária, deve, não obstante, entrar em seu cubículo e orar ao Pai em segredo; até, orar sem cessar, como ensina o Apóstolo. E do mesmo Apóstolo aprendemos que devemos sempre trazer em nosso corpo a*

morte de Jesus para que também a sua vida se manifeste em nossa carne mortal (§ 12, p. 997).

Sem esses valores, a própria celebração litúrgica, e muito mais a vida que traz em seu hõjo, se esvazia; pelo contrário, quando impregnada de uma profunda vida teologal e de oração, a própria celebração faz apêlo a nelas se prolongar. É necessário, pois, nós o vemos também aqui, integrar sãbiamente os vários aspectos do mistério, distintos mas visceralmente unidos.

O mesmo assinalaria a respeito da perspectiva fundamental e renovadora consagrada pela Constituição: a primazia de Cristo e de seu mistério pascal, de modo especial na Liturgia sacramental; primazia a que de modo nenhum está habituada a devoção do povo brasileiro, com a sua piedade voltada para tôdas as invocações possíveis de Nossa Senhora, e apegado como que supersticiosamente a seus santos. Vai ser preciso, de um lado, uma convicção profunda relativa aos princípios que devem nortear a renovação; de outro, uma grande paciência e prudência. Cuidando de orientar êsse impressionante fervor religioso para Jesus Cristo Nosso Senhor, no mistério de sua Morte e Ressurreição; integrando no entanto tudo o que de válido vier carreado por essa piedade popular.

### Instrução litúrgica do clero

Razão a mais para que o clero do Brasil trate de se preparar da melhor maneira possível — e quanto mais rápido melhor — para assumir essa tarefa. Pois como assinala muito bem a nossa Constituição *Não havendo esperança alguma de que tal possa ocorrer* (a participação plena, cõscia e ativa do povo fiel), *se os próprios pastõres de almas não estiverem antes profundamente imbuídos do espirito e da força da Liturgia, e dela se tornarem mestres, faz-se por isso muitíssimo necessário que antes de tudo se cuide da instrução litúrgica do clero* (§ 14, p. 998). Seria com efeito ingenuidade trágica pensar que basta a promulgação dêsses belos textos para que a Liturgia se renove.

Nada melhor nesse sentido do que ler e meditar, e buscar pôr em prática, os três parágrafos que a Constituição consagra ao assunto (§§ 15, 16 e 17). Debate-los-emos entre nós, a fim de lhes dar a oportunidade de pôr em comum a experiênciã ou as sugestões de cada um, em vista de um esforço sério e vigoroso, capaz de alargar, aprofundar e tornar mais rãdiosa a renovação litúrgica da Igreja no Brasil.



*O pessimismo é, hoje, o pior mal do mundo. Há homens cansados, derreados, vencidos, aos milhares, nos tempos que correm.*

*É certo que não nos podemos manter, sempre, no mesmo nível: a vida é cheia de altos e baixos... E a regra para os transeus maus é dada por Peter Lippert: "Não chorar, não se lamentar, mas entender." Carpir devia ser um ofício pago a dinheiro, como no paganismo.*

P. ALOÍBIO FURTADO, S.J., em *Se o grão não morre...*

# Vocações

## CONGRESSO DE DIRIGENTES DO APOSTOLADO VOCACIONAL NO BRASIL

Morungaba — Estado de São Paulo

(de 18 a 27 de julho de 1964)

### ESQUEMA GERAL

#### I — INTRODUÇÃO

1. Problema Vocacional no Brasil
2. Finalidade do Congresso de Dirigentes Vocacionais
3. Motivação da finalidade do Congresso

#### II — HISTÓRICO DO CONGRESSO

#### III — RESULTADOS DO CONGRESSO

1. Introdução
2. Plano Geral de uma Pastoral Vocacional de Conjunto
  - A) Visão geral dos objetivos específicos da pastoral vocacional
  - B) Plano:
    - 1) O Organismo de Coordenação
    - 2) A ação conjunta:

---

**N. da R.** — O trabalho que ora publicamos já foi encaminhado a Roma, para ser distribuído a todos os membros do Episcopado brasileiro.

A última hora, acaba o Departamento de Vocações da CRB de adquirir 8 cópias do filme "A Primeira Missa" que ficarão com as equipes regionais, as quais se encarregarão da exibição do mesmo filme nas respectivas regiões.

- a) Formar a mentalidade vocacional
- b) Despertar e descobrir o germe vocacional
- c) Selecionar e cultivar o germe vocacional

### C) Conclusão, do Plano Geral

3. Plano Trienal (de julho de 1964 a julho de 1967)
4. Resoluções, Sugestões e Moções votadas pelo Congresso

## IV — CONCLUSÃO GERAL

### I — INTRODUÇÃO

#### O problema vocacional no Brasil

**A** TUALMENTE o problema vocacional no Brasil é gravíssimo: faltam-nos 70 000 sacerdotes para têmos o número médio de 1 padre para 1 000 habitantes católicos. Quanto ao número de religiosas a situação não é melhor: temos 11 a 12% da população católica mundial e apenas 3% de tôdas as religiosas do mundo. O Canadá tem, por exemplo, 1 religiosa para cada 150 habitantes católicos; o Brasil, 1 religiosa para 2 000 habitantes católicos! Quanto aos religiosos não sacerdotes, não temos dados precisos, mas sabemos que a situação é ainda pior.

Não temos cálculos exatos de *previsão* para o aumento de religiosos e religiosos. Embora se diga que o número de religiosas esteja aumentando em ritmo mais acelerado que o da população, deve-se ter em mente que isso se deve em parte considerável às religiosas que chegam do exterior. Ora, essa fonte pode secar repentinamente ou diminuir com o correr dos anos.

Quanto aos sacerdotes, damos abaixo alguns cálculos feitos no CERIS do Rio de Janeiro: é claro que, como tôda previsão, são falíveis, pois baseiam-se em dados muito mutáveis. Pelo quadro abaixo vemos que, continuando o aumento demográfico na mesma proporção atual, o aumento de sacerdotes irá se distanciando de tal maneira que teremos aproximadamente 1 padre para 9 200 habitantes no ano 2 000, quando agora temos mais ou menos 1 para cada 6 200. Isto é, a situação só poderá piorar de maneira assustadora, caso continuemos com o mesmo ritmo de crescimento do clero.

Logo, temos de encontrar *urgente*mente soluções eficazes e duradouras.

Isso só poderá ser conseguido por um *trabalho de conjunto*.

*Previsão do número de sacerdotes em relação à população*

ANO	POPULAÇÃO	ORDENAÇÃO	FALECIM- E DESIST.	DO EXTE- RIOR	TOTAL	UM SACERDOTE POR NÚMERO DE HABITANTES
1960	70 967 000				11 282	6 290
1970	95 262 000	2 045	900	1 200	13 627	6 990
1980	127 873 000	2 749	1 007	1 200	16 569	7 718
1990	171 650 000	3 690	1 224	1 200	20 235	8 482
2000	230 637 000	4 958	1 490	1 200	24 903	9 261

**Observações :** Essas previsões foram feitas baseadas nos últimos dez anos. Para os sacerdotes vindos do exterior foi tirada uma média dos últimos quatro anos. Contudo, é totalmente imprevisível o aumento ou diminuição dessa média, visto que a Europa começa a sentir também o problema vocacional.

**Finalidade do Congresso**

Estudar a necessidade e as possibilidades de uma *UNIÃO* de *ESPIRITO*, de *VISTAS* e de *ESFORÇOS* para um Apostolado Vocacional *DINÂMICO* e *EFICIENTE*.

**Motivação dessa finalidade**

- Cristo o quer: *Sejam um como nós somos um;*
- A Igreja Universal o deseja: espírito do Concílio;
- Os Sumos Pontífices insistem: basta citar a conclusão da alocução de Paulo VI, em maio último, falando sobre a necessidade da união: *Não, se trata de nós mesmos, mas sim da causa de Jesus Cristo;*
- O Episcopado brasileiro também o procura: a CNBB é uma prova e o "Plano de Emergência", sua consequência;
- Os religiosos aspiram ao mesmo: a CRB é um resultado desse desejo de união;
- Unindo-nos, não só nos somamos, como nos multiplicamos; desunidos, não só nos dividimos, como também nos anulamos.

Só o Amor de Cristo pode gerar uma União eficaz e duradoura. Interesses particulares levam em si mesmos os germes da desunião.

Portanto, todos por um e um por todos, *por Ele, com Ele e n'Ele.*

LEMA do nosso Congresso: *Congregavit nos in unum Christi amor (O amor de Cristo nos uniu).*

## II — HISTÓRICO DO CONGRESSO

*Em Morungaba, Estado de São Paulo, do dia 18 ao dia 27 de julho de 1964.*

*Convocado* pelo Departamento de Vocações da Conferência dos Religiosos do Brasil e

*oficializado* pelo Secretariado Nacional de Vocações Sacerdotais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

*Presidido* por S. Ex.<sup>a</sup> D. Orlando Chaves, DD. Arcebispo de Cuiabá e Presidente da Comissão Episcopal para as Vocações.

*Abençoado* pelo seguinte Radiograma do Santo Padre Paulo VI :  
 “AI SOLERTI DIRIGENTI OPERE VOCAZIONI DIOCESANE RELIGIOSE AUGUSTO PONTEFICE AUSPICANDO FRUTTUOSO LORO INCONTRO PATERNAMENTE INCORAGGIANDONE LAVORI PROPOSITI INVIA PROPIZIATRICE LARGHI AIUTI CELESTI IMPLORATA APOSTOLICA BENEDIZIONE — CARDINALE CICOGNANI”.

*Honrado* com as mensagens, aprovações e bênçãos dos Srs. Cardeais, Arcebispos e Bispos, mormente do Presidente da CNBB e do Sr. Núncio Apostólico.

*Participantes:* Quase setenta (70), provenientes de quase todos os Estados do Brasil; vários estrangeiros, sendo que um veio especialmente do Paraguai; padres seculares e regulares, irmãos e irmãs, membros de institutos seculares, representantes das equipes vocacionais nos seminários e casas de formação; os leigos também estiveram presentes com três representantes do Clube Serra do Rio de Janeiro. Ao todo, segundo cálculos feitos, estavam representadas umas quarenta (40) circunscrições eclesiais e religiosas.

*Material* vocacional abundante foi apresentado em exposições e projeções.

*Clima* de grande simplicidade, alegria, harmonia e união, coisa que convençionamos chamar “Espírito de Morungaba”.

*Temário*: quatro partes: 1) Fundamentos teológicos, sociológicos, psicológicos e introdução à Pastoral Vocacional; 2) Temas de Pastoral Vocacional; 3) Ação Conjunta: necessidade — possibilidade — organização — plano geral — plano trienal; 4) Resoluções, sugestões, moções.

*OBSERVAÇÃO*: O critério para o convite foi o seguinte: antes de tudo, aquêles que os provinciais indicaram como tendo tempo integral para o Apostolado Vocacional. Depois, os representantes de regiões mais fastadas. Em seguida aquêles que tinham algum testemunho especial. Por fim, seriam convidados os representantes de ordens e congregações ainda não constantes da lista, mas, a esta altura, o número limite já havia sido superado. Por êsse motivo também, não foi possível convidar mais representantes de congregações femininas.

### III — RESULTADOS DO CONGRESSO

#### Introdução

Considerando a *gravidade do problema* e a *urgência* de uma solução eficaz e duradoura;

considerando que *outras* soluções (tais como aumento do número de sacerdotes e religiosos (as) estrangeiros, aumento da colaboração dos leigos, aumento de rendimento dos sacerdotes e religiosos (as) atuais, embora contribuam muito, são soluções *parciais e indiretas*;

considerando que a *única* solução *fundamental e efetiva* é o AUMENTO DE BONS SACERDOTES E RELIGIOSOS (AS) ORIGINÁRIOS DO PAÍS;

considerando que esta solução dificilmente será atingida sem uma UNIÃO de espírito, de vistas e de esforços de todos os que trabalham no Apostolado Vocacional (sacerdotes seculares e regulares, religiosos de ambos os sexos, institutos seculares e leigos);

considerando que esta União dificilmente se concretizará sem um PLANEJAMENTO E UM ORGANISMO de coordenação,

chegamos à CONCLUSÃO de que se tornam necessários:

- *Planejamento a longo prazo*
- *Planejamento a curto prazo*
- *Organismo que promova e coordene os esforços.*

## Plano geral de uma Pastoral Vocacional de Conjunto

### A) VISÃO GERAL DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PASTORAL VOCACIONAL

#### 1. Formação de uma mentalidade vocacional

- a) geral : — quanto ao território
  - quanto às pessoas
  - quanto aos meios
  - quanto ao objeto

b) correta e clara, isto é, exata, fundada, em plano sobrenatural: na Sagrada Escritura e na Doutrina da Igreja; em plano natural: nos dados da Sociologia e de uma autêntica Psicopedagogia.

#### 2. Despertar e descobrir o germe vocacional por meio de:

- a) oração, sacrifícios e boas obras;
- b) criação de um ambiente propício;
- c) contatos diretos.

3. Selecionar e cultivar o germe vocacional antes da entrada nos seminários e casas de formação :

- a) formação de promotores e orientadores;
- b) cultivo e seleção dos vocacionáveis.

### B) O PLANO

#### 1. Organismo de coordenação

Em âmbito *nacional* : Secretariado Nacional de Vocações Sacerdotais da CNBB — Departamento de Vocações da CRB, entrosados entre si de forma a coordenar o trabalho dos secretariados regionais.

Em âmbito *regional* : a CNBB tem em cada região um Secretariado Regional com o setor de Vocações. Quanto à futura reestruturação desse Secretariado Regional e de seu setor de Vocações, devemos esperar os resultados da Reunião do Episcopal Nacional em Roma, durante o Concílio.

A CRB terá em cada região um Departamento de Vocações integrado na seção regional da CRB. O Diretor desse Departamento será um dos membros da Diretoria da Equipe Regional de Vocações, entidade esta sem vinculação jurídica, mas organizada livremente pelos promotores, recrutadores e orientadores daquela região: dela farão parte sacerdotes, seculares e regulares, religiosos de ambos os sexos e também leigos, especialmente do Clube Serra.

Os regionais coordenarão o trabalho dos secretariados provinciais e diocesanos.

Em âmbito *diocesano* e *provincial* : a OVS se dinamizaria ou seria criado um verdadeiro secretariado diocesano anexo à Cúria. Nas províncias ou equivalentes, procurar-se-á formar, onde já não existam, secretariados provinciais de vocações. Entrosar-se-ão os secretariados provinciais das diversas ordens e congregações entre si e com os diocesanos dentro da mesma diocese e com os de outras dioceses da mesma região : assim se formarão os regionais.

As equipes regionais (secretariados diocesanos e provinciais) coordenarão e orientarão o apostolado vocacional local.

Em âmbito *local* : a OVS paroquial, os recrutadores locais, os orientadores leigos, os dirigentes de clubes e círculos vocacionais, enfim todos os que, em paróquias, igrejas, colégios, escolas etc., trabalham pelas vocações — todos se entrosarão com os que trabalham na mesma cidade, decanato ou paróquia e juntos trabalharão orientados pelos secretariados diocesanos e provinciais.

**OBSERVAÇÕES** : 1) Essa organização, ao menos por ora, não terá caráter oficial nem jurisdição. Será uma associação espontânea e livre, podendo ter caráter oficial se a CNBB e a CRB o acharem conveniente e oportuno.

2) Cada um continuará fazendo o seu trabalho na diocese, ordem, congregação ou instituto, mas num clima ecumênico, sem egoísmos de grupos, sabendo que todo trabalho em conjunto será abençoado por Deus, com mais e melhores vocações para sua diocese, ordem, congregação ou instituto.

3) Mesmo que, por parte de determinados grupos não encontre compreensão para a sua maneira de ver, julgar e agir, cada grupo agirá ecumênicamente, dentro de suas possibilidades e responsabilidades, pois *não se trata de nós mesmos, mas sim da causa de Jesus Cristo* (Paulo VI). Exemplo: os religiosos e religiosas do Brasil são mais de 50 000, contando o clero secular apenas 4 300 membros aproximadamente; é evidente que os religiosos (as) têm muito mais responsabilidade e possibilidades para auxiliar no recrutamento, seleção e formação do clero secular do que vice-versa.

4) As equipes vocacionais em seminários e casas de formação e os clubes Serra continuarão com suas próprias organizações (internacional, latino-americana, nacional, regional, local) entrosando-se no plano em que estiver cada grupo. Exemplo: as equipes dos seminários e casas de formação se coordenarão com os secretariados diocesanos e provinciais, de acordo com as respectivas direções. Os regionais dessas equipes estarão entrosados com os regionais da CNBB e da CRB. O Clube Serra, enquanto estiver organizado só nas cidades principais, entrosar-se-á com os regionais da CNBB e da CRB. Quando tiver uma Secretaria Nacional, esta estará em coordenação com os órgãos nacionais da CNBB e CRB. Por enquanto o Clube Serra do Rio de Janeiro se encarregará dessa ligação nacional.

**ORGANISMO DE COORDENAÇÃO**  
para a  
**PASTORAL VOCACIONAL DE CONJUNTO**

C N B B Secret. Nacional de V. S.	Secretariado Nacional do Clube Serra	C R B Departamento de Vocações
<b>EQUIPE NACIONAL DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO</b>		

Regional da CNBB — Setor Vocações	Regional das Equipes Voc. Seminários e C. de formação	Regional da CRB — Depto. de Vocações
<b>EQUIPE REGIONAL DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO</b>		

Secretariados e Obras Diocesanas de Vocações	Equipe V. dos Sem. e C. de Formação — Clube Serra	Secretariados Provinciais de Vocações
<b>EQUIPE DIOCESANA DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO</b>		

O. V. S. Paroquiais	Clubes, Círculos Vocacionais etc.	Recrutadores, Promotores e Orientadores locais
<b>EQUIPE DA CIDADE OU DECANATO OU PARÓQUIA PARA A COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO</b>		

## 2. A ação conjunta

### a) Formar a mentalidade vocacional

#### aa) Pessoas a atingir de modo especial :

1. *O clero.* — Assembléias e reuniões de sacerdotes seculares e religiosos (especialmente Movimento do Mundo Melhor); cursos especiais de pastoral vocacional; circulares de superiores; retiros para o clero. Cursos nos seminários maiores e menores e demais casas de formação; equipe vocacional (que promova a formação dessa mentalidade entre os seminaristas e educandos, ao mesmo tempo que os confirma na própria vocação e os prepara para uma futura pastoral vocacional eficiente; poderão além disso prestar ajuda eficaz na confecção de subsídios, na pastoral vocacional, nas celebrações, nos clubes etc. Durante as férias poderão até fazer apostolado direto com as crianças e jovens ou até mesmo preparando orientadores por meio de cursos. Além disso poderão fazer apostolado por cartas: correspondência com jovens que queiram conhecer sua vocação. Poderão contribuir também em programas de rádio e em revistas e jornais.

2. *Os religiosos.* — Do que foi escrito acima para o clero muita coisa se aplica, *mutatis mutandis*, também para os religiosos (as). Nos institutos de pastoral para irmãs seria interessante se houvesse um curso de Pastoral Vocacional.

3. *Associações e Movimentos.* — Especialmente: Legião de Maria (Praesidium Vocacional), Movimento Familiar Cristão, Equipes de Casais, JEC, JUC, Apostolado da Oração, Liga Católica, Marianos e Filhas de Maria etc., Movimento do Mundo Melhor, Associações ou Movimentos de Ex-seminaristas (dar-lhes uma finalidade vocacional: sentir-se-ão realizados), de Ex-alunos, de Cooperadores etc.

4. *Institutos e estabelecimentos de ensino.* — Escolas, colégios, religiosos ou não, particulares ou públicos. Especialmente entre professôres e professôras: cursos especiais para êles, material vocacional que possam utilizar nas aulas. Poderão ser sugeridos a êles tarefas e temas, composições e poesias, leituras, desenhos etc., tudo com algum elemento vocacional (promoção do sacerdote ou religioso (a): aplicando isso aos alunos estarão formando uma mentalidade correta entre os mesmos. Fornecer-lhes também subsídios audiovisuais vocacionais.

5. *Famílias.* — Por intermédio particularmente do MFC, das Equipes de Nossa Senhora da Legião de Maria, das Associações de Pais e Mestres, dos Cursos para Noivos, nas alocações de casamentos e bodas, além de outras reuniões de pais (conferências, retiros, festas, como o dia da mãe, do pai etc.). Muito poderá contribuir também o Apostolado pelo Correio e o Catecismo para adultos. Rosário em Família pelas vocações.

6. *Jovens e crianças*. — Muitos itens acima se referem também aos jovens e crianças. Além disso é bom lembrar o seguinte: — *Catecismo*: é preciso que todo o catecismo tenha uma “linha” vocacional (resposta ao chamado de Deus: para a vida cristã ou para uma tarefa especial no Corpo Místico). — *Clube Vocacional*: para tôdas as crianças e jovens que queiram rezar e fazer sacrifícios, ajudar e interessar-se pelas vocações, mesmo não tendo a intenção de se tornar sacerdotes ou religiosos. — *Escoteiros*: formação escoteirística é um campo fecundo para a formação de uma mentalidade vocacional correta: aspiração à vida heróica, à vida de serviço. — *Cruzada Eucarística*: bem dirigida, dentro de suas finalidades específicas (Reza, Comunga, Sacrifica-te, Sê apóstolo) é sem dúvida o melhor campo para a formação de um clima vocacional entre as crianças.

*bb) Meios:*

1. *Encontros*, reuniões, conferências etc. Tudo o que possa ser útil para informar-se, trocar experiências, planejar, coordenar etc.

2. *Produção de subsídios vocacionais*: livros, revistas, opúsculos, folhetos, calendários, cartazes, gráficos, santinhos, cartões postais, cartões de boas-festas; filmes (encomendar no exterior, providenciar *dublagens* e cópias; realizar filme também aqui no Brasil), filminhos, *slides*, acompanhados de discos ou gravação, músicas ou programas compostos, executados ou interpretados por padres, religiosos, religiosas ou seminaristas ou que tratem da vida religiosa ou sacerdotal; programas de rádio e TV, peças de teatro e *sketchs*, *slogans* e *jingles*; exposições fixas e itinerantes, materiais diversos que possam levar alguma mensagem vocacional.

3. *Concursos* em colégios, seminários, escolas, paróquias etc. para cartazes, peças teatrais, *slogans*, *sketchs* etc. (cf. muitos dos subsídios acima). Os melhores serão aproveitados; outros servirão de sugestões.

4. *Pregações* em geral, semanas vocacionais, tríduos, palestras, círculos de estudos, retiros, missões populares...

5. *Revistas* especificamente *vocacionais* (não multiplicar, mas valorizar as existentes). — Uma para os especialistas (promotores, recrutadores, orientadores), outra para o público em geral, e uma terceira para os seminaristas e educandos; talvez uma especial para crianças. Poderiam ser editadas e impressas, em regiões distantes do país, mais de uma dirigida à mesma classe de leitores, mas com a faculdade de transcrever os artigos e notícias sem necessidade de licença especial. Seria a mesma revista, com o mesmo título ou não, com os mesmos editôres ou não, impressa e distribuída em diferentes regiões.

6. *Revistas* não especificamente *vocacionais*, mas católicas.

7. *Cadeias de Rádio católicas* (e também leigas) para transmitir programas vocacionais; na impossibilidade ou dificuldade de formar cadeias,

fornecer-lhes o material gravado, de preferência em discos. Ter em cada cidade onde houver essas emissoras um correspondente que será o elemento de ligação entre o fornecedor do disco ou material e a Rádio: será sua função receber o material, transmitir à Rádio, fazer a devolução quando necessária, combinar horário, acompanhar a transmissão, procurar patrocinadores, quando necessário, etc.

8. *Jornais, revistas, rádios, TVs* leigos: através de jornalistas, atôres, artistas, diretores, gerentes etc., procurar penetrar nos jornais, revistas, rádios, TVs leigos, para que divulguem artigos, entrevistas, programas etc.

9. *Correio*: folhetos, opúsculos, mandados pelo correio ou colocados dentro de revistas e jornais, cartas etc. Exemplo: alunos e alunas de colégios se encarregam de mandar pelo correio tais folhetos a determinadas pessoas, sem remetente. Poderão ser folhetos de formação progressiva. Além disso tôdas as cartas que saem de determinado colégio, entidade, paróquia etc. levarão o símbolo vocacional, em forma de selo ou de carimbo, ou um *slogan* carimbado no envelope.

10. Será confeccionado um *Símbolo da Campanha Vocacional* para ser impresso em todo e qualquer material de propaganda vocacional. Símbolo único para todo o país e para tôdas as dioceses, ordens, congregações, institutos, órgãos vocacionais etc.

11. *Materiais vários*: como canetas esferográficas, réguas, marca-dores de livros, lápis, agendas etc. com símbolos ou *slogans* vocacionais.

12. Solenização e publicidade das *Primeiras Missas, Ordenações, Vestições e Profissões*, Jubileus Sacerdotais e Religiosos, celebração do Dia do Padre, do Vigário etc.

13. *Visitas* a seminários, conventos, casas de formação...

14. *Clube Serra*: incentivar, cooperar para fundação e conhecimento do Clube Serra. Trabalhar entrosados como êle.

*OBSERVAÇÕES*: 1) Para que tudo seja feito em *nível técnico* elevado: — conseguir técnicos em publicidade, relações públicas etc., que nos orientem; — entrar em contato com os melhores escritores, autores, atôres, pregadores, conferencistas etc. para que cada um faça alguma coisa nesse campo, dentro de suas atribuições e talentos; — procurar firmas comerciais que patrocinem nossas campanhas.

2) O que ficou dito acima a respeito da formação de uma mentalidade vocacional (opinião pública vocacional) deve-se subentender: mentalidade *correta*, isto é, não baseada em ilusões (padres, religiosos são seres superiores) ou preconceitos (deficiências de padres e religiosos generalizados, campanha vocacional é financeira apenas, seminários são mais ou

menos orfanatos etc. etc.); mas baseada na Teologia, Escritura e na sã Psicologia e Sociologia (chamados por Deus para servi-l'Os em seus irmãos; vida heróica livremente, portanto alegremente assumida; o povo é que necessita de mais e mais sacerdotes e religiosos; são selecionados, não arrebanhados; os seminaristas e educandos provêm de tôdas as classes sociais, não só das mais pobres etc.).

*b) Despertar e descobrir o germe vocacional*

*aa) Campanha de orações, sacrifícios e boas obras:*

1. Fazer com que nas comunidades religiosas, nos colégios, seminários, associações, se façam *turnos de oração* nessa intenção, por exemplo, cada dia será o turno de um grupo diferente de seminaristas, alunos ou religiosas e religiosos, de tal modo que no Brasil inteiro, continuamente, se esteja rezando, fazendo sacrifícios e boas obras pelas vocações;

2. Grande campanha entre os *doentes* nos hospitais e em casa, nos sanatórios e asilos, para que rezem e ofereçam seus sofrimentos pelas vocações (por exemplo, programa de rádio especial para doentes e asilados, insistindo que cada docente tenha seu dia especial na semana, no qual oferecerá missa, comunhão, orações, sofrimentos pelas vocações, comunicando isso à Rádio ou aos encarregados, recebendo depois uma espécie de diploma ou um santinho etc. com as orações pelas vocações);

3. Divulgação ampla das *indulgências* para tôdas as obras vocacionais e vantagens da agregação às Pontificias Obras das Vocações;

4. Divulgação das *orações e missas pelas vocações* sacerdotais e religiosas, nos santinhos, revistas, pelo Rádio (conseguir nas diversas emissoras que sejam rezadas essas orações, se possível, cada dia ou ao menos uma vez por semana na hora da Ave-Maria ou em outro programa adequado);

5. Introduzir na campanha do *Rosário em Família* a idéia da recitação do rosário em família pelas vocações, uma vez por semana;

6. Celebração solene com cerimônias litúrgicas e paralitúrgicas, por tôda parte e por todos os meios, do *Dia Mundial de Oração pelas vocações*, cada ano, e do *sábado do sacerdote*, cada primeiro sábado do mês.

*bb) Criar ambiente propício:* a própria formação da mentalidade; utilizando-se dos meios acima mencionados já se forma o ambiente favorável para despertar e descobrir o germe vocacional.

*cc) Contatos diretos* com vocacionáveis: retiros, direção espiritual, confissão, conversas e ocasiões semelhantes.

*c) Selecionar e cultivar o germe vocacional antes da entrada nos seminários e casas de formação*

Além do que ficou dito nos itens da oração e formação da mentalidade e que se aplica também para a seleção e cultivo do germe, vejamos alguns pontos:

1. *Cursos de formação* para todos os que trabalham no apostolado vocacional: *sacerdotes, religiosos, religiosas, seminaristas e leigos*.

Êsses cursos serão de preferência regionais para facilitar a freqüência. Procurar-se-á aproveitar também dias feriados durante o ano escolar para aqueles que só podem nesses dias ou nas férias.

Será divulgado também um *curso por correspondência* ou vários cursos conforme a classe de pessoas a que se destinam.

2. Fomentar a formação de *clubes, escolas, círculos* vocacionais, associações de acólitos, em tôdas as paróquias, igrejas, colégios, escolas etc., para o nível médio e o último ano do primário e admissão... para isso formar orientadores, mesmo leigos, para êsses clubes e círculos conforme o que ficou dito acima, indicando-lhes material, subsídios, métodos etc.

3. Facilitar o exame médico e psicológico dos meninos, rapazes, mães etc. que estão para entrar nos seminários e casas de formação;

4. Para a execução do item acima procurar que na equipe regional estejam integrados um ou mais médicos e psicólogos que possam servir não só aos seminários e casas de formação da região como também aos clubes e círculos.

5. Incentivar os *cursos preparatórios, concentrações, retiros* etc., imediatamente antes da entrada, podendo os exames acima serem feitos nessa ocasião, caso não se possam fazer antes.

6. Utilizar prudentemente da direção espiritual, pessoal ou por correspondência, para seleção e cultivo do germe vocacional.

*OBSERVAÇÕES:* 1) Procurar que os clubes sejam registrados como entidades jurídicas para maiores facilidades.

2) Dar maiores pormenores neste setor da descoberta e cultivo do germe vocacional compete às equipes regionais, pois êsses pormenores variam de região para região.

### C) CONCLUSÃO DO PLANO GERAL.

No campo de *Seleção e Formação*, após a entrada do candidato (a) no seminário ou casa de formação e no campo da vivência da própria vocação por parte de sacerdotes e religiosos (as), o promotor ou recrutador ou orientador não entra diretamente. Compete isso aos diretores espirituais, reitores, mestres e mestras, superiores e formadores em geral. Contudo poderá entrar indiretamente, especialmente os órgãos nacionais e regionais, promovendo e incentivando os Cursos de Espiritualidade, Psicopedagogia, Didática etc.; indicando literatura e subsídios; fundando nas paróquias e

igrejas, onde seja possível, associações de padres, seminaristas, religiosos (as) e “clubistas” para fazê-los cooperadores de Deus no chamamento de seu filho; promovendo o auxílio de irmãos, irmãs e leigos para os seminários e casas de formação, seja na docência, nos serviços ou na administração; por fim, embora não como ocupação principal, também poderão auxiliar na campanha financeira para o seminário ou casa de formação.

N.B.: Se formarmos corretamente a mentalidade vocacional entre o povo, este *sentirá* a necessidade de auxiliar a formação dos escolhidos por Deus para servir o próprio povo. Então tudo se tornará mais fácil.

## Plano Trienal

### Introdução

1. Este plano abrange o período de julho de 1964 a julho de 1967.

2. É evidente que esta divisão não será rígida, podendo, conforme as circunstâncias de tempo e lugar, ser alterada em alguns de seus pontos. Muitas coisas deverão ser levadas avante simultaneamente, embora pertençam a períodos diversos. A divisão visa concentrar os esforços em conjunto para alcançar o máximo de rendimento.

3. É um compromisso dos congressistas que não obriga a ninguém, mas que convida a todos.

### A) I ANO: INFORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO (1964 - julho - 1965)

#### 1. Informação

1 — Contatos pessoais epistolares, por terceiros etc., com:

- a) bispos, provinciais, superiores principais de ordens e congregações;
- b) recrutadores, promotores e orientadores das diversas províncias e diretores de secretariados de vocações;
- c) diretores da Obra das Vocações Diocesanas e outros padres que trabalham nesse campo de apostolado;
- d) diretores, reitores de seminários, mestres e mestras de noviciados, como os demais educadores e formadores;
- e) diversas organizações, movimentos e associações: Clube Serra, Secretariado Nacional de Vocações Sacerdotais e Departamento de Vocações da CRB etc. (Cf. Plano Geral).

2 — *Informação*: informar-se e informar outros por

- a) leituras, relatórios, questionários, estatísticas etc.;
- b) participação em cursos, conferências, encontros etc.;
- c) assinatura de revistas nacionais e estrangeiras;
- d) Boletim de Informação Vocacional (Noticiário Vocacional);
- e) contatos mencionados acima.

## 2. Organização

- 1 — Organização dos Secretariados e Departamentos da CNBB e da CRB regionais;
- 2 — Organização das equipes regionais;
- 3 — Dinamização e fundação de secretariados de vocações e obras das vocações sacerdotais;
- 4 — Fundação e organização de secretariados provinciais e equipes vocacionais nos seminários e casas de formação;
- 5 — Fundação e organização dos clubes Serra.

## 3. Preparação dos cursos para o II Ano

Nos últimos seis meses do período (janeiro a julho 65) as equipes regionais (em entendimento com o Departamento Regional de Vocações da CRB e o Regional da CNBB) organizarão os cursos para toda sua região: qualidade de pessoas (padres, irmãs e leigos), local, convites, professores do curso etc. para no começo do II Ano (Ano da Formação) tudo estar organizado.

Far-se-á também grande propaganda do Curso por correspondência, que, mesmo lançado logo, deverá ter seu auge durante o II Ano. (Cf. o que ficou dito no Plano Geral sobre Cursos).

## B) II ANO: ORAÇÃO E FORMAÇÃO (1965 - julho - 1966)

### 1. Grande Campanha Nacional de Oração, sacrifícios e boas obras

Realizar-se-á esta o ano todo, mas especialmente no Dia Mundial e Nacional das Vocações e durante o Mês das Vocações (cf. moções do Congresso e mais particulares no Plano Geral).

### 2. Cursos de formação

Lançamento dos Cursos preparados no primeiro semestre de 1965.

### 3. Preparação do "ANO V" (Ano da Vocação)

a) *Entendimento* com todos os que possam contribuir, direta ou indiretamente, para o êxito do Ano da Vocação :

— vários encontros das diretorias das equipes regionais para coordenar os planos;

— com bispos, provinciais, seminários e casas de formação que possam dar uma contribuição mais decisiva;

— com colégios católicos e institutos de ensino católicos ou públicos que estejam decididos a auxiliar;

— com dirigentes nacionais, regionais, ou locais do MFC, Equipes de Casais, Legião de Maria, Movimento do Mundo Melhor, JEC, JUC, Cruzada Eucarística, Movimento de Ex-Seminaristas etc.

— com o maior número possível de dirigentes de Rádio, TV, jornais e revistas, católicos ou não;

— com o maior número possível de escritores, atôres, artistas, músicos, oradores etc. para que cada um dê sua contribuição no seu campo;

— com firmas comerciais que estejam dispostas a colaborar com patrocínio etc.

*b) Preparação do material (durante todo o ano):*

— bibliografia especializada a mais completa possível;

— publicação de algumas obras que serão úteis, tais como: uma espécie de florilégio de exemplos; um livro com indicações sobre tôdas as congregações e ordens, masculinas e femininas (talvez dois livros), e sobre o clero secular; um livro que seja uma espécie de guia para o apostolado vocacional;

— números especiais de revistas (fornecer material às revistas não vocacionais);

— preparar opúsculos, calendário único, cartazes, flâmulas, folhetos para serem espalhados inclusive pelo correio, santinhos com orações vocacionais, etc. etc.

— filmes: se possível, realizar um aqui no Brasil — encomendar filmes de valor em outros países — providenciar catálogo de filmes com o enderêço da respectiva distribuidora (filmes diretamente vocacionais ou que sejam promoção do sacerdote, religioso (a) ou seminarista); — providenciar cópias de filmes que não existem no Brasil;

— providenciar filminhos (filme fixo) vocacionais e mandar fazer cópias, quando já não existam;

— providenciar a impressão de cartões de boas-festas para o Natal, Páscoa etc. com dizeres e desenhos vocacionais; também cartões postais para correspondência com temas vocacionais;

— providenciar a confecção de um símbolo vocacional único para todo o Brasil, o qual será usado em tôda e qualquer propaganda vocacional, impresso também em selos para envelopes e fazer carimbos;

— peças de teatro. *sketchs*, autos: providenciar sua radiofonização, *videotapes* etc.;

— gravações em discos também de alocuções, *slogans*, fatos da Escritura, da vida dos santos, casos contemporâneos etc.

— providenciar a gravação de músicas interpretadas ou dirigidas por padres, religiosos (as) ou seminaristas e educandos religiosos, ou cujos temas sejam uma promoção dos mesmos;

— providenciar a gravação de missa e orações especiais pelas voações;

— realizar exposições fixas ou itinerantes; procurar inteirar-se de exposições feitas por outros; fazer propaganda das mesmas para que outros possam imitá-las;

— realizar concursos em colégios, paróquias etc. para todo esse material acima;

— conseguir dos autores, editores etc. licença para execução, tradução, distribuição, sem direitos autorais.

### C) III ANO: VOCACIONAL (1966 - julho - 1967)

Será o ano do lançamento de uma grande campanha maciça de formação de um clima, de uma mentalidade, de uma opinião pública vocacional. O ano do toque de alarme, do despertar, do tomar consciência, por parte do público em geral, do grande problema, de suas soluções, do que significa o sacerdócio e a vida religiosa no plano da salvação. Será o ano do impulso inicial de um movimento que não mais ficará reduzido ao âmbito dos promotores, orientadores, alguns setores do clero; dos religiosos e de uma mínima parte do povo, como foi nos anos anteriores. Dêsse ano em diante o movimento deverá ser de todo o povo cristão, especialmente daquelas famílias que ainda podem ser chamadas cristãs, de toda uma comunidade paroquial que assume de fato suas responsabilidades no Corpo Místico, de cada sacerdote e religioso que deseja legar à Igreja mais de um substituto para o campo do Senhor, quando êste o chamar para a recompensa.

Os pormenores do desenrolar-se dêste ano serão determinados em reuniões posteriores. Em princípio é intenção de concluir o Ano Vocacional com grandioso CONGRESSO NACIONAL DE VOCAÇÕES substituindo o Congresso Eucarístico Nacional, caso não seja êste realizado.

**OBSERVAÇÕES:** 1) Propositadamente muita coisa foi colocada em termos um tanto vagos; isso especialmente porque nem tudo pôde ser estudado com vagar e profundidade, e alguns pontos deverão ser tratados especialmente pelas equipes regionais; entre êsses últimos está o item referente aos cursos; êstes se realizarão em regiões diversas umas das outras não só pelas distâncias que as separam, mas também, e especialmente, pelo ambiente sócio-religioso. Compete, pois, às equipes regionais especificar a modalidade dêsses cursos e métodos a serem empregados, além do local e tempo de sua realização.

2) No Congresso foi proposta a idéia de realizar-se uma experiência-piloto em alguma cidade do Brasil, antes de ser lançado o Ano Vocacional. Isso será mais especificado na próxima reunião das diretorias das equipes regionais.

### **Resoluções, sugestões e moções votadas pelo Congresso**

Damos a seguir as resoluções, sugestões e moções que foram votadas pelo nosso Congresso depois dos estudos feitos sobre o Plano de Ação Con-

junta. Outras resoluções, sugestões e moções surgirão das futuras reuniões das equipes regionais.

1. *Resoluções (a serem executadas a curto prazo)*

1. Executar o Plano Trienal, aprovado pelo Congresso de Dirigentes Vocacionais do Brasil, em Morungaba, SP;

2. Empenhar-se na fundação de secretariados vocacionais em províncias próprias e alheias e nas dioceses;

3. Constituir equipes regionais de pastoral de conjunto em vocações sob a dependência dos Departamentos Vocacionais da CNBB e CRB, em união com as respectivas seções regionais;

4. Promover encontros regionais, dentro de seis meses;

5. Promover um encontro geral dos representantes das equipes regionais, logo que tiverem sido constituídas;

6. Trabalhar para que haja equipes vocacionais em seminários maiores e nas casas de formação de nível superior;

7. Pedir ao SNVS e Departamento de Vocações da CRB a publicação de um Boletim Vocacional informativo, para o qual se mandem notícias;

8. Promover cursos vocacionais para religiosas, seminaristas maiores, juvenistas e leigos;

9. Mandar confeccionar um curso por correspondência para orientadores vocacionais;

10. Mandar escrever o Livro do Mestre para orientadores vocacionais;

11. Pedir ao SNVS e ao Departamento de Vocações da CRB a elaboração de uma pasta de material para orientação de cursos, encontros, semanas etc.

12. Fundar o maior número possível de clubes vocacionais no primário e círculos vocacionais no médio;

13. Empenhar-se na fundação de clubes Serra em tôdas as cidades mais importantes;

14. Comemorar solenemente o Dia das Vocações, e, se possível, o mês de maio inteiro em sentido vocacional;

15. Importar o filme "Lumière sur la Route" solicitando os direitos de sonorização e *dublagem*;

16. Recolher e mandar para os nacionais material literário vocacional para radiofonização;

17. Começar desde já a transmissão de assuntos vocacionais pela Rádio Aparecida;

18. Todos se comprometem a valorizar e aceitar os subsídios produzidos em conjunto.

## 2. Sugestões

### a) Orações

- 1 — Solenizar cada mês o primeiro sábado, depois da primeira sexta-feira, como o dia das vocações;
- 2 — Propaganda e divulgação do texto português das missas votivas pelas vocações;
- 3 — Campanhas de missas nos colégios onde cada aluno católico contribuirá com a importância correspondente ou mandará pessoalmente celebrar cada ano uma missa pelas vocações;
- 4 — Nos colégios: campanha da meia hora de adoração pelas vocações, cada mês, com participação totalmente espontânea por parte dos alunos;
- 5 — Campanha de orações pelas vocações junto aos doentes com santinhos e impressos apropriados;
- 6 — Enviar listas com nomes de seminaristas para as OVS pedindo orações pela perseverança dos que têm vocação sacerdotal ou religiosa.

### b) Formação e seleção

- 1 — Trabalhar para inserir nos cursos de pastoral das casas de formação tecnológica aulas de pastoral vocacional;
- 2 — Aulas de pastoral vocacional nos institutos de pastoral para as irmãs;
- 3 — A equipe de São Paulo, sob a direção do Frei Marcelo, O.F.M., fica encarregada de colocar um artigo vocacional em cada número da REB;
- 4 — Preparar os seminaristas com palestras e subsídios para que, em férias, possam promover e dar cursos vocacionais a leigos;
- 5 — Acentuar os aspectos positivos na pregação e na orientação vocacional;
- 6 — Que todos os promotores trabalhem pelo aumento das vocações de religiosas de congregações e institutos seculares que se consagram às vocações;
- 7 — Lembrar aos sacerdotes a grande importância do confessorário como meio de descobrir e cultivar vocações sacerdotais e religiosas;
- 8 — Em todos os encontros de líderes fazer com que seja suscitado o problema vocacional;

- 9 — Promover e incentivar os cursos de formação de noivos, inserindo nêles temas vocacionais. Os mesmos em movimentos de casais, como MFC, Equipes de Nossa Senhora, "Focolari", Movimento de Graal etc.;
- 10 — Penetração da idéia vocacional em todos os movimentos apostólicos existentes;
- 11 — Promover encontros anuais de acólitos em bases diocesanas;
- 12 — Nas missões populares aproveitar para falar aos sacerdotes e povo sôbre o tema "vocação";
- 13 — Criação de equipes de médicos e psicólogos nos regionais;
- 14 — Aproveitar as revistas vocacionais já existentes: "Cadernos Vocacionais", "Lançai as rêdes" e "Mais vocações" como veiculos de formação e fornecimento de subsídios;
- 15 — Que os promotores dêem atenção especial aos adolescentes e moços de nível médio;
- 16 — Abrir as portas dos seminários e casas de formação para visitas da juventude e do povo;
- 17 — Levar as professoras a dar aos alunos trabalhos de pesquisas que os obriguem a recorrer aos sacerdotes e religiosos para obter informações;
- 18 — Prestigiar pais e mães de sacerdotes e religiosos por ocasião de festas paroquiais;
- 19 — Quando em viagem, os promotores aproveitem a oportunidade para reunir e falar a pais de seminaristas, sacerdotes e religiosos;
- 20 — Incentivar a fundação de Associações Vocacionais, Clubes de Pais de Seminaristas e Religiosos.

### *c) Propaganda*

- 1 — Publicar um livro sôbre as ordens, congregações e institutos religiosos no Brasil;
- 2 — Utilizar revistas e jornais católicos e não católicos para a propaganda vocacional;
- 3 — Criar nos nacionais o Departamento de Publicidade com a assessoria de técnicos no assunto;
- 4 — Direitos autorais: foi unânime a sugestão para que os autores, editôras e sociedades abram mão de seus direitos reservados para que todos possam divulgar ao máximo assuntos vocacionais;

- 5 — Que todos comuniquem ao boletim informativo os direitos conseguidos em editôras estrangeiras;
- 6 — Que insiram temas vocacionais nos livros e manuais escolares, principalmente em antologias e estudos de análises literárias (sugestões: as Editôras FTD, Vozes, Salesianas e Lassale);
- 7 — Calendário Vocacional: apresentar às equipes regionais para que o conheçam e o propaguem pelo país;
- 8 — Apostolado vocacional pelas rádio-emissoras locais;
- 9 — Sugerir à direção do "Catecismo São João" a multiplicação do filminho sôbre a Ordem e a Missa e sugerir que lancem filminhos sôbre a vocação e a vida religiosa;
- 10 — Que os regionais consigam catálogos de filmes vocacionais com seus respectivos comentários;
- 11 — Que os regionais tenham filminhos sonorizados com discos explicativos, para aluguel;
- 12 — Influenciar nos cine-clubes para penetração da idéia das vocações;
- 13 — Sugerir à Comissão de Música Sacra que utilize a música popular vocacional em suas gravações;
- 14 — Na próxima reunião de revisão se escolha uma cidade de importância para experiência-piloto de propaganda, segundo a sugestão do Clube Serra;
- 15 — Que se mande confeccionar um símbolo expressivo do movimento vocacional no Brasil.

### 3. *Moções*

- 1 — Moção à CNBB para que crie as equipes regionais das Vocações em união com a CRB;
- 2 — Trabalharmos para que seja liberado um sacerdote para assistir e coordenar o movimento vocacional dos seminaristas e casas de formação em âmbito nacional, em união com a CNBB e CRB;
- 3 — Pedir aos Srs. Bispos que o Dia Nacional das Vocações, já oficializado, seja também oficialmente preparado pelo mês de maio inteiro como "mês das vocações". Quanto ao Dia Mundial, domingo do Bom Pastor, apresentar à Sagrada Congregação dos Seminários a dificuldade real de execução concreta, pela proximidade da Semana Santa;
- 4 — Pedir aos Srs. Bispos do Brasil que o encerramento do Ano Vocacional em 1967 seja feito com um Congresso Nacional de Vocações em uma cidade importante do país, já que não vai haver o Congresso Eucarístico Nacional em 1965, nem houve o Congresso Nacional das Vocações no Ceará em 1963;

- 5 — Propor à CNBB ou Reunião dos Bispos que a oração da bênção "Deus e Senhor nosso" seja substituída por uma oração vocacional breve, expressiva e litúrgica, durante o Ano Vocacional. O mesmo propor em relação à *Oratio fidelium* no ofertório da Missa;
- 6 — Que em tôdas as maratonas catequéticas no Ano Vocacional seja incluído o tema: "VOCAÇÕES".

#### IV — CONCLUSÃO GERAL

Com esta apresentação não queremos impor nada a ninguém, mas apenas expor.

Os congressistas se comprometeram pessoalmente a pôr em prática o que ficou dito acima, dentro de suas possibilidades, enquanto súditos.

Aos Srs. Bispos e aos superiores religiosos pedimos uma bênção especial para êste nosso esforço e um apoio constante e eficaz para que possamos levar avante êsse plano grandioso mas difícil.

A todos os outros, sacerdotes seculares e regulares, religiosos e religiosas, seminaristas, educandos e educandas, aos leigos que trabalham neste apostolado ou se sentem atraídos para êle, a todos fazemos um veemente apêlo para que dêem ouvidos à voz do Mestre no *sint unum* e venham dar-nos sua contribuição, mesmo que seja apenas para nos corrigir no que estivermos errados. Só assim o apostolado vocacional no Brasil poderá tomar um impulso que o levará a encontrar as soluções verdadeiras e definitivas para o nosso grande problema.

Teremos as bênções de Deus, sem as quais todo esforço seria inútil, quando pudermos dizer com propriedade:

"CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR" —  
O AMOR DE CRISTO NOS UNIU !



*Pensamos que hoje é necessário à Igreja aprofundar a consciência que ela deve ter de si mesma, do tesouro de verdades de que é herdeira e guarda, e da missão que deve exercer no mundo. Ainda antes de ela se provar o estudo de qualquer questão em particular, e de considerar a atitude que deve tomar perante o mundo que a circunda, a Igreja deve neste momento refletir sobre si mesma, para se confirmar no conhecimento dos desígnios divinos a seu respeito, para encontrar maior luz, nova força e maior alegria no cumprimento da própria missão, e para escolher o melhor modo de estreitar, aprofundar e melhorar os seus contatos com a humanidade a que pertence, embora possua caracteres próprios inconfundíveis.*

# O Educador no Internato

PADRE ECKINGER, S. J.

*N. da R. — Retomamos, neste e no próximo número da Revista da CRB, a última parte do trabalho de J. N. Eckinger, S. J., transcrita de seu livro "Katholische Anstaltserziehung", agradecendo nós mais uma vez os bons serviços de nosso dedicado tradutor Pe. Betting, C. S. S. R.*

**N**ÃO SE TRATA querer dar conselhos para todos detalhes e vicissitudes do cargo de educador. Seria empresa impossível. Um prefeito, firme em seus princípios, arranjar-se-á em todas as situações e saberá trabalhar com todos os meios. Não lhe será necessária a indicação contínua e minuciosa de regulamentos e de pequenas prescrições policiais; ele os descobre, pouco a pouco, por si mesmo.

Necessários são os princípios. Estes já foram dados na segunda parte de nosso trabalho (cf. Revista da CRB, maio e junho de 1964, pp. 297-309, 355-372). Aqui, agora, queremos fazer a aplicação ao educador no internato. Repetimos que temos em vista sobretudo jovens sacerdotes e religiosos, e entre estes também só principiantes. Aliás, quereríamos apenas dar ao novel prefeito alguns prelúdios iniciais em prol de sua bela tarefa, para depois entregá-lo a sua sorte.

### **Debaixo de quatro olhos**

Meu caro confrade. É assim que chamamos a você, pois nada confraterniza mais a gente como a mesma profissão. E nós exercemos a sua por muitos anos. Mas, supomos que você é ainda nôvo e inexperiente e entrou no cargo há pouco. Permitimo-nos dar-lhe alguns conselhos de amigo. Verdade é que a gente deve aprender antes pela própria experiência, e que em livros nunca se aprende bem assim como é preciso. É

por este motivo que na educação, mais que em qualquer outro ramo, a personalidade do educador importa muito, muitíssimo, quanto ao sucesso.

Muitas vezes já dissemos conosco mesmo: "Ah, se neste atual exa-  
gêro, em acentuar o lado pessoal e individual da criança, também se to-  
masse em conta um pouco a personalidade do educador e suas individuali-  
dades!..." Pois aqui, como nunca, vale o adágio: "Nem tudo é para  
todos". Ele deve saber o que mais lhe convém. Quais os meios que lhe  
vão melhor. Initar, dá raras vezes certo. Conhecemos prefeitos de cuja  
bôca quase nunca se escutou uma palavra alta, nem como comando nem  
como censura, e apesar disto tôda a rapaziada lhes obedecia de boa mente.  
A personalidade é que fazia efeito. Conhecemos outros que não poupa-  
ram uma admoestação mordaz, quase ferina, quando era hora, e a gente  
lhes obedecia da mesma forma e ninguém lhes levou a mal. É a personali-  
dade que novamente "santifica" os meios. Ouça pois:

*1.º Conselho : "Cognosce te ipsum"*

Se você tem um temperamento resoluto, enérgico, até rispido, use-o...  
mas com moderação. Se você é de sentimento bondoso, quieto, deixe irra-  
diar os raios de sua bondade, mas... também com moderação. Queremos  
dizer: evite moleza e bonacheirice bem como vai-dar-certo-assim. Um  
bloco de gelo se quebra com martelo, mas também derrete sob os raios  
do sol.

*2.º Conselho : purifique a sua intenção*

Não é isto uma censura, é conselho de amigo. Só o bem das crianças  
e nada mais. Nem se discute.

Mas também nisto pode-se dar um golpe no ar: cuidando só dos  
"bonzinhos". Saiba que todos nos foram confiados e para serem edu-  
cados. E aqueles que mais necessitam de educação, ainda mais. Os "ma-  
landroa", os malcriados, os vagabundos, dos quais todos de casa se quei-  
xam, êsses devem ser por assim dizer os seus favoritos. Não porque não  
prestem para nada, mas porque mais precisam de você e de seus cuidados.

Também não vá se lamentando desde o começo que os alunos não  
são assim como você os queria ver. Pois lhe foram confiados para edu-  
cação. Você é educador dêles para corrigi-los. Se é capaz de alguma coisa,  
mostre-o agora.

Também errado está esperar só consôlo e alegria. Você deve ter  
amor e entusiasmo pela sua profissão, mas este entusiasmo não deve ter  
nada de egoísta; pois a decepção seria bem amarga. Os frutos da educa-  
ção são em geral de pouca alegria para o educador. Os grãos da boa se-  
mente no coração humano precisam, para brotar, de muito mais tempo  
que o trigo no campo e para florir, mais ainda. Tantos educadores querem  
semear e colhêr ao mesmo tempo. Isto não vai. E então começam a mal-  
tratar os alunos e se queixam da tarefa ingrata que lhes coube nesta  
vida. Não assim.

Trabalhe. Faça a sua obrigação sem esmorecer. Mas não espere nada.  
Especialmente não espere nada das crianças que lhe parecem boas e pro-

missoras. Em geral, antes dos anos da puberdade, nada se pode predizer de certo sobre seu futuro. Elas são por assim dizer números de loteria; ainda não sabe quanto valem. Mas para dizer todavia alguma coisa — conforme a nossa experiência — aquelas crianças, nas quais foram postas as maiores esperanças e que foram tratadas com desvelo especial, com descuido das demais, iludem ao degenerar ou pelo menos ao não produzir quanto se esperava.

Eia pois! Purifique a sua intenção, isto é, deixe brilhar o sol sobre todos por igual. Se há preferência, então para aquêles que mais necessitam. Purifique a sua intenção, isto é, não procure o sucesso efêmero nem queira ver resultados. Cumpra seu dever e entregue tudo o mais a Deus.

### 3.º Conselho : seja sempre bem educado

Ora, parece desafôro. Mas não é. Ser bem educado e comportar-se perante as crianças sempre como bem educado não é de todo igual. Quem não é educador pode-se permitir sem prejuízo de sua boa fama às vêzes certas atitudes, que o educador oficial terá que evitar com o máximo cuidado. Olhos de crianças enxergam tudo. A sua observação é forte, não porém o juízo delas. Por isso, faça você mesmo também tudo o que tem de exigir delas. Assim está seguro e está o mais longe possível das aparências de falta de educação, como sejam palavras grosseiras, explosão de raivas, antipatia, mania de perseguição, falta de asseio, atitudes bruscas ou fingidas. Lemos algures que o educador não se deve deixar vencer pelas crianças em civilidade, e isto você faz não lhes respondendo à saudação, “porque são crianças”.

### 4.º Conselho : seja homem

Releia o que escrevemos na segunda parte de nosso trabalho acima citada sobre as qualidades pessoais do educador. E agora, alguns detalhes, alguns segredos da profissão :

a) *Não seja mendigo.* — Não mendigue de forma indigna o favor dos alunos-educandos. Nem indague ansiosamente (nem por via indireta) se estão contentes com você. (Você tem de estar contente com êles... não há remédio). Nem se pergunte a tôda hora se por acaso ofende alguém. Vá pelo caminho reto, o caminho do seu dever.

Reconhecemos: prudência e amor não se dispensam. Mas você deve se interessar, o menos possível, por suas próprias vantagens.

É uma grande diferença se em suas ações o preocupa o amor por si ou o amor pelas crianças. Se é prudente para preservar de dano a si mesmo ou a suas crianças. Como educador deve antepor o bem das crianças a sua própria pessoa.

b) *Não seja falador.* — Não somente nada dizer que possa chocar na bôca de um educador mas, em geral, seja parco de palavras.

Em especial: não pense poder concertar tudo com fazer sermões. Aquêles pais que escrevem aos filhos as cartas mais compridas não são

sempre os melhores na educação. Quantas vêzes vemos que as crianças nem lêem tais cartas ou só por alto e depois as passam para a gaveta, mal-humorados. Ainda nos recordamos de uma (poucos anos atrás foi assassinada) que leu a carta do pai, depois rasgou, cuspiu em cima e jogou na cesta de papel.

Máxima cautela ao ouvir queixas contra alunos ou professôres. *Audiatur et altera pars!* Não só não adiantar nenhum juízo provisório, mas nem mesmo um à parte que possa ser interpretado como curiosidade de querer saber mais sôbre o caso (tratando-se de superiores, prefeitos, professôres). E se tem de ouvir a acusação, procure, sem todavia querer aprovar tudo quanto se fêz e faz ao seu redor, procure apaziguar os ânimos exaltados.

c) *Não seja um fracalhão.* — E isto você é, quando castiga com uma mão e com a outra logo quer mitigar tudo e reconciliar. Com isto você não alcança o respeito mas só o desprezo das crianças. Não seja fracalhão: quer dizer também, não se deixe logo amolecer por lamúrias ou por lágrimas do culpado. Principalmente, porém, seja intransigente e não ceda a nenhuma ameaça, quando se trata de coisas cuja execução é necessária.

NOTA: também a criança mais pequena já quer mandar e dominar, o menino pelo muque, a menina pela vaidade e adulação. Oponha ao menino redobrada energia. À menina torne-se inacessível e reservado. Assim dominará a ambos.

#### 5.º Conselho : *seja sobrenatural*

Viva você mesmo unido com Deus, se quer conduzir as crianças para junto de Cristo. A propósito, a bela frase de Santo Ambrósio (Domingo de Ramos) : *Ligatus erat pullus cum asina. Non poterat solvi nisi jussu Domini. Solvit eum manus apostólica. Talis actus, talis vita, talis gratia. Esto talis et tu, ut possis ligatos solvere.* Não é a nossa tarefa mais nobre sermos redentores, libertadores? Redimindo e libertando a alma infantil daqueles podêres nefastos que a querem seduzir e dominar. Sejamos nós mesmos homens sobrenaturais; então a fôrça de Deus atuará em nós e através de nós.

A educação moderna, sem a graça de Deus e sem finalidade sobrenatural, faz grandes passos mas fora do caminho. Assim acontece que, apesar dos ingentes esforços, ela não consegue nada nem sequer no terreno natural. Deus uniu o fim natural e o fim sobrenatural tão intimamente entre si, que um sem o outro não vai. Evitemos ir pelo mesmo caminho. Mas tampouco devemos querer resolver a educação tôda com alguns meios e mezinhas religiosas. Sobrenatural deve ser tudo em nós, vida e ação, assim seremos assistidos pela Graça Redentora.

## O comêço (os primeiros trabalhos)

### 1. *Saber familiarizar-se*

Meu caro confrade, quem quer que você seja a quem coube a (grande) sorte de um prefeito, sempre será seu primeiro trabalho: familiarizar-se com a situação, com o ambiente. Ver qual a finalidade particular do colégio, seus estatutos, o estado atual da disciplina e, antes de mais nada, — em primeiro lugar tanto em tempo como em importância — procurar conhecer seus superiores e seus colegas de serviço. Para êste fim será mister algo a mais que a simples visita de cortesia, na qual se trocam algumas palavras de conveniência. Num colégio tudo deve combinar como num relógio e não podendo regular os outros conforme a sua opinião — o que como principiante não lhe convém nem lhe compete — tem de esforçar-se por “afinar” a si próprio de acôrdo com os outros, com os superiores principalmente. E várias coisas úteis irão aparecer neste jôgo. Até hoje nos lembramos do que nos foi dito por um superior na primeira entrada na área educacional: é a seriedade conseqüente que conduz ao fim. Sempre seguimos êste conselho da primeira hora e o comprovamos como verídico.

### 2. *Saber ouvir*

Bem. Há de ouvir também o “klatsch-colegial”, o diz-que-diz-que do colégio. Ouça tudo, mas só com um ouvido.

### 3. *Saber sujeitar-se*

Também há de ver coisas que não lhe agradam ou que você imaginava de outro jeito. Suspenda por enquanto seu juízo por completo. Pois ainda não sabe se aquilo, que lhe parece como prejuízo, não é de fato uma vantagem ou uma necessidade imposta pelas circunstâncias. Especialmente, quando vindo de outro colégio, seja reservado, prudente, estude primeiro as novas situações, e tente acostumar-se antes de proceder a uma mudança.

### 4. *Saber discriminar*

Não pouco prefeito nôvo sabe fazer coisa melhor do que amolar e martirizar seu antecessor no cargo com perguntas sôbre os alunos. Desta informação esperam êles, por assim dizer, tudo. Uma característica detalhada, especialmente dos maiores malfeitores da classe ou da divisão, lhe parece a condição preliminar e a mais absoluta garantia do sucesso. Mas está tudo errado. Nada mais enganoso e dificultoso para um desempenho imparcial do seu cargo do que tais informações pormenorizadas. Pois você ouve muito bem falar dos defeitos dos meninos, mas não dos defeitos do... educador. Talvez tal rapazinho mal-afamado tenha sido tratado sem jeito por seu antecessor, e agora você continuará batendo na mesma tecla errada. Talvez que sem preconceito algum você acertasse logo

com o tratamento, e o rapaz estaria mudado. Ou talvez os "bonzinhos" tenham sabido enganar seu antecessor, e agora você confia nêles e...

Mas então não se deve pedir informação alguma sôbre os educandos? Não dizemos isto, mas basta saber tudo assim em geral, e no mais guarda-se plêna liberdade do espírito. A coisa não é perigosa. Pois no começo o nôvo prefeito não tem de bancar educador mas sômente observador e aí já vai aparecer a situação de cada um. Só um prefeito desajeitado e bisonho quer converter logo no começo todos os maus e santificar todos os bons. O prudente observa e espera.

### 5. Casa e adjacências

Muito mais importante é conhecer a casa e seus arredores. Especialmente os lugares de sua classe ou de sua divisão, onde irá trabalhar. É preciso "mexer" em tudo, em cada fechadura, com cada chave, e em cada gaveta e em todo canto. Nada lhe deve ficar desconhecido. Recomendamos à sua benévola atenção em especial as privadas e outras localidades escusas e esconderijos. A êsse respeito faça contar o mais que puder, nunca saberá demais a respeito.

Depois deve submeter todo o prédio a um exame minucioso de cima até abaixo e entrar por tôdas as portas; também os quartos de música, os salões de ginástica, as salas de aula, os banheiros etc.

A respeito das privadas, ainda uma nota. Um sacerdote, antigo prefeito de grande seminário clerical, disse certa vez que, visitando um colégio procura primeiro as privadas dos alunos e, conforme as suas observações, o julgamento é favorável ou desfavorável. Quem tem experiência em educação de internato não lhe pode negar razão.

### 6. Jogos e vizinhança

Outra viagem a explorar será para os campos de jogos e suas adjacências. Se rodeados de muro, qual ponto mais fácil para trepar? Que casas na vizinhança? Bares? Ganância de um lado e leviandade juvenil se dão a mão para perdição. Talvez um colega lhe saiba contar algo; pergunte. Qual a atitude dos moradores do lugar para com o colégio? E agora para fora: quais são os melhores passeios? Faça-os primeiro sôzinho antes de chegar lá com seus alunos. Ali, numa esquina poética, há um bar. Ali, na curva da estrada, um autômato com chocolate e com cigarros. Aí, uma caixa do correio. Tudo coisas importantes na vida de um rapaz. Vá com o relógio na mão, para saber medir o tempo e a distância com exatidão e voltar em tempo sem perturbar o regulamento da casa.

### 7. Pronto a atender

E agora volte para o colégio. Há tanta coisa para fazer ainda. Em 15 dias terminam as férias e cada aluno deve receber seu lugar no salão de estudo, no dormitório, no guarda-roupa. Quando êles voltarem das férias, não deve o prefeito perguntar aos meninos, mas os meninos devem perguntar a êle como se faz tudo e onde é o lugar de cada coisa. É útil se há um consuetudinário escrito.

## As primeiras dificuldades

### 1. *Manter ordem com autoridade*

Manter ordem quer dizer levar os educandos a submeter-se de boa mente e conscienciosamente às prescrições que regulam o comportamento no estudo, no recreio, no jôgo, passeio, corredores, capela etc. Eis a prova de sua capacidade. A observância disciplinar é num internato o primeiro e o principal meio de educar a massa dos alunos. Se o prefeito não conseguir isso, não presta, apesar das suas outras boas qualidades que tenha. Tudo depende portanto se êle consegue impor a sua autoridade aos meninos.

Autoridade é o prestígio do educador, prestígio pelo qual êle sem dificuldade força por assim dizer a obedecer-lhe, pelo pêsso de sua personalidade. Um professor que continuamente precisa chamar a atenção não tem autoridade. Um prefeito que tem sempre alguns de joelho (de castigo) não tem autoridade. O número de castigos num internato é o melhor índice da eficiência ou deficiência disciplinar de seus educadores.

Como se consegue autoridade? Difícil dizer-se. Alguns pensam que conhecem tôdas as leis da pedagogia geral e especial, que não são trouxas e que são suficientemente robustos para dar conta de um bando de guris. Justo. Mas ainda há outros fatôres no jôgo. Não é o saber; autoridade é uma coisa pessoal.

E não vá acreditar que tamanho físico ou voz de trovão adiantam. Já mais de um Golias foi para o chão por um pequeno Davi — e sem auxílio do Alto.

Nem basta boa vontade. Até mostrar e provar com fatos a sua boa vontade às crianças, já passou o tempo, já foi tarde demais.

E a tendência dos seus súditos, da camarilha entre êles, — e no começo é ela que dá o tom — é justamente explorar o lado fraco do nôvo superior. E a tendência é não de apoiá-lo mas em geral — consciente ou inconscientemente — de torná-lo impossível.

Talvez lhe digamos assim: você terá muita autoridade, fazendo sentir a sua superioridade pessoal (que você aliás tem... faça-a valer!). Faça sentir não só a sua vontade. Tôdas as suas atitudes importam: seu modo de andar, de falar, de olhar. Em tudo deve haver algo que faz a criança sentir que você lhe é superior; então terá autoridade aos seus olhos. Ao menino o educador se impõe pela fôrça da vontade, pela firmeza e tenacidade, por certa atitude calma, reservada, que no dado momento pode lançar raios e coriscos. Quanto ao intellecto: rapidez e golpe de vista. Da parte do coração: justiça, imparcialidade a tôda prova e dedicação. Em tôda a vida: pontualidade e severo cumprimento do dever.

a) *Fôrça de vontade.* — Sob fôrça de vontade não entendemos aquela barulheira contínua de bravatas que torna o educador mais ridículo que terrível. Fôrça de vontade é a vontade firme de comandar, de ser obedecido, a qual se expressa pelo gesto, atitude, olhar e principalmente também pelo modo de dar as ordens e de exigir sua execução.

## — O que mandar?

1. As ordens não sejam freqüentes; senão causam fastio e confusão.
2. Sejam bem pensadas; para serem justas, necessárias, úteis, praticamente exequíveis, não nocivas em suas conseqüências.
3. Uma vez dadas, sejam irrevogáveis e universalmente obrigatórias.
4. Devem ser modificadas, quando se tornaram real e grandemente prejudiciais. Talvez também num caso em que a vantagem esperada não deu resultado e a ordem fôr ao mesmo tempo muito grave e pesada.
5. Modo de retirar uma ordem:
  - deixar adormecer o assunto e não insistir na execução;
  - indicar claramente a suspensão da lei e qual a razão, isto é particularmente útil ou necessário em assuntos realmente grandes e perante alunos maiores; (as mais das vezes bastará publicar as novas determinações sem mais comentários);
  - mesmo assim, não mudar logo; sendo possível, deixar passar algum tempo.

## — Como mandar?

1. A ordem seja breve. Frases longas não pegam. Sem preâmbulos, e em geral também sem especial justificação, porque esta facilmente se interpreta como desculpa.
2. Uma ordem clara em suas expressões e bem delimitada.
3. Seja dada em voz alta de forma tal que todos possam ouvir. Para êste fim servem rápidas repetições da ordem dada em frases breves e talvez com ligeiras explicações. Não se esqueça dos ausentes.
4. Ordem decidida, com tal expressão no tom, rosto, gesto, que o rapaz veja que o negócio é sério e que tem mesmo de obedecer. Não use a forma do optativo mas o imperativo.
5. A execução deve ser fortemente fiscalizada. Pois é o que interessa. Fique pois parado a olhar serenamente até que tudo se faça a seu contento. Dar uma ordem e ir-se logo embora não convém, porque então ou fazem nada ou tudo só pela metade, isto é, da mesma maneira como a ordem foi dada, "por alto".
6. A execução exige-se de todos sem exceção. Por isso, abrir os olhos e ver. Há sempre alguns que não entenderam ou que não querem entender ou pensam que vale tudo somente para os outros, até serem pegados pelo pescoço... Contra êstes tais é preciso proceder com rigor sob pena de desmorronar toda a ordem. São os mais nocivos inimigos.

b) *Tenacidade*. — Tenacidade teimosa para fazer valer, sempre e sempre, apesar de todos os obstáculos, a sua vontade e recomeçar sempre de novo. É a virtude da paciência, específica do educador. Paciência *sui generis*, mas é. Ela não consiste, como alguns parecem crer, em engolir tudo, em deixar passar tudo, em adiar tudo para mais tarde e esperar

tudo de um melhor futuro e da melhor compreensão futura dos alunos. Isso seria um desastre na educação; esta consiste sim em não tolerar nada de errado e de contrário à obediência e de recommençar este trabalho dia por dia de novo, com perseverança incansável. Esta firmeza deve ser tão forte que mesmo quando o educador relaxa alguma vez o elo da disciplina, a sua vontade, qual anel elástico, ainda mantém tudo unido: um piscar dos olhos, um aceno de mão, e o silêncio está restabelecido.

c) *Calma soberana.* — Se quer ter sossêgo, seja também “sossogado”. Quanto pior o barulho em redor, tanto mais calma. Nem um passo dado com mais pressa, nem virar a cabeça para ver o que acontece ao lado ou atrás. Como o rochedo no mar revoltado, em cuja imobilidade as ondas vacilantes se quebram. Não é isto a passividade por indiferença, por comodismo, falta de jeito, mas é a calma antes do temporal que precede ao primeiro golpe de vento e dos coriscos. Sabendo seus educandos que você não se deixa perturbar em sua calma por suas atitudes turbulentas, que um golpe audaz não o traz em polvorosa, que é tempo e trabalho perdido fazer você “subir a serra”, mas que não obstante o raio não tardará cair sobre o “malandro”... então basta aparecer entre eles e lançar o olhar calmo e sereno sobre eles e imediatamente se restabelecem ordem e silêncio.

d) *Circunspeção e decisão.* — Quem é circunspeto cuida de todos e de tudo, mas neste cuidado por indivíduos e por particularidades, êle não perde de vista o conjunto total. Tratar só alguns favoritos “esperançosos”, enquanto os demais podem se arranjar como bem entendem, é bancar vovozinha. Circunspeção é a ciência prática de saber o que agora se tem de fazer ou melhor ainda: prever o que agora talvez poderia ocorrer. Pensar para diante!

E surgindo um caso inesperado, deve-se ter rápida decisão e não perder o equilíbrio. Não mostre seu embaraço. Não podendo aparar o golpe, desvie, isto é, silencie e não deixe perceber que viu ou ouviu alguma coisa. Mas fique de prontidão para outra ocasião. Pois o que deu certo uma vez, será logo mais tentado de novo. E evite por todos os modos e meios deixar envolver-se com certos tipos na presença dos outros em um bate-bôca. Fácilmente pode você levar a pior e preparar à maldade um fácil triunfo.

e) *Desvêlo pelo bem-estar de todos.* — Não deve poupar esforços para afastar de sua criançada tudo que é nocivo e deve pensar sempre como fomentar seu contentamento e seu bem-estar. Nada lhe deve ser pequeno e insignificante demais. Um sapato rasgado, um botão ausente, uma costura aberta no cotovêlo, uma pequena indisposição, um insucesso na aula, uma discussão no jôgo, um olhar triste, um olhar traiçoeiro... Nada lhe escape! Assim os educandos criam a impressão que eles têm em você um pai cuidadoso e o tratam assim.

Terminando o capítulo da autoridade pedagógica — vira e mexe como quiser — fica em pé a tese: a autoridade não se mantém sem temor, e

este não se consegue sem severidade. E todavia a base nutricia da educação fica sempre o amor. Digo: o amor da parte dos educandos. E como se consegue este amor dos meninos sem ceder nem uma vírgula da severidade? É fácil ser amoroso, é fácil ser rigoroso. Mas praticar a severidade de tal forma, que ela não somente não prejudique o amor, mas até produza o amor e a afeição dos alunos, eis a dificuldade.

## 2. Amar com severidade

Perguntam-nos muitas vezes qual sistema seria preferível na educação colegial — amor ou rigor? Mas esta pergunta não atinge o nó do problema. A mais rigorosa severidade pode ser máximo amor, se ela tiver em vista somente o bem da criança. Cremos até e podia prová-lo sem dificuldade que aos educadores severos será dado em anos posteriores mais gratidão que aos outros, que por bondade mal empregada deixam arrastar as rédeas. Mas a dificuldade toda está aqui: como ganhar o amor, o coração da criança, por meio de rigor e severidade.

Antes de mais nada, amor não se ganha cedendo e tolerando o mais possível. Amor verdadeiro não pode existir sem certo respeito e estima da pessoa amada. Ora, este continuo ceder e deixar passar é o meio mais garantido para perder a estima das crianças. Deve portanto haver outro caminho, que seja compatível com severidade. Dizemos pois:

a) Seja rigoroso, mas não além do necessário e do útil. O termômetro absoluto do valor da educação não pode e não deve ser o rigor. É verdade que não aprovamos a sentença que tudo quanto se possa alcançar com amor deve ser feito também com amor; porque assim a criança fica mole e estará entregue ao rigor da vida sem proteção. Mas daí também não nos tire a conclusão que tudo deve ser exigido com rigor. *In medio stat virtus!* Rigor sempre quando conduz a termo com mais rapidez e com mais certeza; e sempre quando for necessário.

b) É necessário quando se trata de disciplinar massas, multidões. Necessário quando boas palavras de nada adiantam. É mais rápido e mais seguro no trato com crianças rudes, violentas, maldosas, levianas, fogosas e de pouca compreensão.

NOTA: O fim da severidade não é corrigir — isto fica para um tratamento posterior — mas prevenir e impedir a explosão das paixões e induzir a mais reflexão e juízo. Só mais tarde se pode falar com tais alunos uma palavra ajuizada. Por enquanto eles têm de aprender antes que a situação não é de brincadeira; senão são insensíveis para melhores sentimentos.

c) Não se deixe iludir com os belos exemplos da literatura pedagógica. Porque em geral nós não lidamos com tais meninos-modelos que lá nos são descritos. No colégio, com uma grande percentagem de alunos,

nada se arranja com aquêles truques e técnicas ali indicadas. Mas não tenha medo. O rigor, bem praticado como deve, não repele as crianças mas lhes parece natural e até necessário; e crianças mais nobres, mais maduras, o consideram como um benefício. Pois são as crianças mesmas que mais sofrem quando suas rebeldias naturais, sua rudeza, leviandade, imoralidade não são refreadas por uma mão forte. É um fato, infelizmente não sempre levado na devida consideração, que a falta de rigor e disciplina não favorece aos bons mas aos maus elementos que destarte conseguem impor-se.

d) Justa deve ser a severidade. Se você é igualmente rigoroso para com todos, então ninguém sentirá seu procedimento como uma injustiça. Mas se trata uma criança só com rigor e castigo, e uma outra só com indulgências e boas palavras, então não se admire que a sua severidade esteja sendo repudiada como parcialidade e você sinceramente odiado.

Aliás, exigindo-se um tratamento igual para todos, não quer isto excluir considerações individuais. Só queremos reafirmar que o educador não se deixe guiar por antipatias ou simpatias na escolha dos seus métodos pedagógicos. Um absoluto igualitarismo em pedagogia não é justiça, é injustiça. Tratar conforme mérito, é também de justiça na pedagogia. Tratar conforme necessidade, uma lei de prudência. Um educador que assim procede, não merece a censura da parcialidade.

e) Severidade deve unir-se com elevação da alma e do espírito. É qualidade que falta ao pedante. Ele não sabe fazer diferença entre coisas pequenas e coisas grandes, e — o que é pior — ele não sabe ver e mostrar como coisas pequenas são grandes e importantes em vista do futuro. Na vida da criança tudo é importante. Sua sensibilidade e sua irritabilidade podem tornar-se uma fonte de futura infelicidade; sua falta de asseio, de ordem e plano na vida — agora uma coisa de somenos importância — indicam falta de conscienciosidade, queda para preguiça e sensualidade. E isto é o mal. O educador pedante não vê estas pequenezas sob o prisma do futuro. Ele deve fazer ver e sentir isto aos seus educandos sob um ângulo maior. Então sem rigor e sua indignação sobre faltas pequenas teriam aquêles grande lance de idealismo e não deixariam de lhe granjear ainda maior simpatia dos pequenos.

f) Enfim, você deve ter um coração bom. Alban Stolz fala a tantas de certos pregadores que usam da palavra de Deus só para magoar. Não haverá também tais educadores? Castigando não querem fazer bem, mas fazer dor; com severidade não querem corrigir mas ter a sua satisfação. Não o fazem ciente e propositadamente. Mas não sabem reprimir a satisfação quando enfim apanham um "malandro" em flagrante; manifestam certo entusiasmo que se expande até em palavras grandiloquentes, quando podem entregar um malfeitor ao merecido castigo. São polícias, juizes, algozes: não educadores.

Meu caro confrade, quando castiga, o culpado deve sentir que o seu coração não exulta de alegria mas sangra de dor. E quando é rigoroso, todos devem dizer: *êle* faz isto só porque é preciso; só porque gosta da gente. E como conseguirá provar e demonstrar isto aos seus educandos? Respondemos: fazendo o que já dissemos até agora. E mais uma coisa. É importante. No trato individual com cada um, apesar de toda reserva, seja cordial. Atrás da porta do seu quarto, tire o casaco oficial e seja para os seus alunos amigo e pai. Deixe valer a bondade, quando não há perigo para a ordem geral. Ouça o que seu menino quer dizer em sua desculpa e em sua defesa. Ajude sempre e quando puder em palavras e ação.

E então, esteja certo disto, seus alunos não se ofenderão com sua severidade, mas contarão mais tarde com orgulho que passaram em sua mão por uma escola rigorosa e que *êles* mesmos ainda têm saudades daqueles tempos.

### 3. Educar por vigilância

Ainda uma terceira dificuldade, que espera cada novato no cargo de educador, tem de ser discutida aqui: a vigilância. Ela está propriamente em primeiro lugar. Você foi chamado para o colégio para exercer a vigilância. Ordem não pode existir sem que alguém vigie e que responsabilize os culpados e que os dobre queiram ou não queiram, sob o jugo desta ordem. Parece ser coisa fácil que não dá muita dor de cabeça, mas é algo difficilimo, se a gente deve ser educador no colégio e não só o delegado da polícia. Deveras, é a principal coisa que se deve esclarecer em sua cabeça, a saber, a diferença entre educador de colégio e policial de colégio. A diferença existe na intenção, na direção e no uso do seu poder.

O polícia quer apanhar os transgressores da lei e atemorizá-los. O prefeito idem, só que não deve ficar só nisto. O polícia usa de esperteza e de violência. O prefeito tem de recorrer também às vês à esperteza; à força, jamais. O polícia prende o criminoso e procura aprender do caso para o futuro é o seu modo de tirar lição da experiência. Para o prefeito também pode ser muito útil ficar conhecendo as pistas de certos educandos seus, mas *êle* tem de ir muito, muito mais longe; *êle* é e fica sempre em primeiro lugar pedagogo. E isto muda radicalmente a situação e os pontos de vista. Dizemos pois:

a) Evite de todo a impressão de querer apanhar seus educandos em flagrante delito a fim de podê-los disciplinar depois à vontade. Que *êles* saibam que você os vigia diligentemente; que nunca estarão seguros de surpresas; que você por longo tempo não poderá ser enganado. Mas que assim mesmo, *êles* gostem de sua presença em seu meio e quando culpados o temem como pai e mãe. E a fim de que gostem de sua presença.

b) Evite tudo que dê impressão de polícia. Evite tudo isto: aquêlê andar à "serpente" (andar com calma e sem barulho não é rastejar); fi-

car espiando, de tocaia, atrás de esquinas e portas; investigar carteiras, caixas, malas etc. sem necessidade, só pelo gosto da espionagem; questionar indiscretamente certos alunos e propagandistas do diz-que-diz-que colegial; intrometer-se nos assuntos familiares do menino, ou até nas questões de consciência. Segredos de consciência, arrancados por dolo ou por força são bens injustos, roubados; e não lhe trazem bem. O aluno se antipatiza com você; e que adianta então dar-lhe bons conselhos? Da mão de um ladrão ou raptor, êle não aceita mais nenhum conselho.

Que se convençam os educadores que só a confiança lhes prepara a base para a educação. Que saber muito, também ao educador só dá dor de cabeça. Que é melhor pensar o melhor de seus educandos do que saber erros dêles e não poder ajudar. Certamente então mais se esforçaria por ter a confiança dêles do que o segredo de suas consciências. A fim de que uma criança lhe ofereça confiança, que possa confiantemente olhar nos seus olhos, ela deve poder pensar que certas fraquezas dela lhe são desconhecidas. Por isso como educador sempre evitamos de arrancar dos nossos educandos segredos que melhor ficam para o ouvido do confessor do que para o fôro do prefeito. E o lucro disto? A nós ficou a alegria e otimismo no nosso trabalho, e para a criança ficou a confiança em nós. Situação melhor não há. Nós a desejamos também para você.

c) Em suas excursões de vigilância você fará várias descobertas. Depende agora como as aproveita: como educador ou como juiz de direito? Disto também poderá deduzir qual o espírito que o guia em seu cargo; e também aos seus alunos não escapará esta observação. Um exemplo banal por muitos outros. Aí você vê um menino sentado no estudo, o nariz sobre o livro, as mãos sobre o joelho, o peito encostado na carteira, o dorso curvado... o que vai fazer? Se você é educador, não lhe escapará o caso; se não é educador, nem enxerga. Se é educador, admoesta a criança, talvez até com certo rigor, mas paternalmente, para se esforçar por uma atitude melhor, porque prejudica a sua saúde; endireita talvez também a sua cadeira e passa adiante. É uma coisa pequena, mas manifesta o seu cuidado pelo bem da criança. Outro é o caso em que a observação lhe é ocasião para uma censura amarga ou até um castigo para a criança. Ou pensa que a criança não percebe a diferença? De certo, como sente, se uma meiga mão lhe passa pelo rosto, ou outra mão lhe bate na cara.

Usando pois de sua vigilância como educador, então a sua presença não lhe será incômodo, mas uma bênção, acostumando-a à ordem, prevenindo faltas, corrigindo faltosos. É esta a finalidade essencial da vigilância. E a fim de que ela seja de proveito, você deve dar tódia a sua personalidade.

Sobre o método da vigilância há várias opiniões. Uns querem (muitas vezes por relaxamento ou por covardia) deixar passar tudo até que apareça alguma desordem maior. Outros porém querem "bater" logo em cima. Não damos louvor a êste método mas consideramos o primeiro como mais prejudicial. Pois depende do critério dos nossos alunos. E êles pensam

em geral que as coisas que o prefeito deixa passar sem dizer nada não têm importância; senão ele teria dito alguma coisa. Ou eles pensam que ele não viu nada ou que viu mas não quis dizer nada; em todo o caso segue daí que uma transgressão do regulamento não é perigosa. Ora, ambas as conclusões são perigosas, porque a desordem irá crescer e aumentar cada dia. Nosso conselho portanto: não castigar sempre logo, mas mostrar por uma palavrinha ou um olhar, gesto ou feição, sua desaprovação. Nada de "juntar" material. A paciência em tais assuntos lhe seria mal retribuída.

d) Ainda um último conselho: cuide-se, meu caro confrade, de querer bancar diante dos alunos prefeito tal que ninguém tapeia. Pois isso seria provocá-los diretamente à transgressão clandestina. E com que prazer! Acredite: muita coisa se faz atrás de suas costas, que você jamais ficará sabendo. Uma boa disciplina vale mais que os melhores cadeados e chaves; todavia não se deixe enganar pela superfície lisa de uma disciplina externamente boa. E se é prudente, aja de acordo. Diga aos seus alunos que não seria tão difícil enganar você; mas quem quer que isto faça, o faz em seu próprio prejuízo. Assim pelo menos não apreciarão depois as suas leviandades como façanhas.

*(Conclui no próximo número)*

### **MAIS UM COLÉGIO QUE ABRE...**

Em Panambi, Estado do Rio Grande do Sul, está em vias de conclusão um prédio de linhas modernas destinado a colégio. É grande o interesse da população local, sobretudo entre as mães que querem fazer seu curso de ensino normal. Através da CRB, vem o Pároco mesmo à procura de irmãs professoras que possam vir dirigir o novo estabelecimento, o COLÉGIO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. Além do mais, será feita "total doação por escritura pública de um terreno com uma área de cinco mil metros quadrados e com as benfeitorias existentes".

Esperamos que surja a congregação desejada, pronta a atender. Para o próximo ano escolar, o povo de Panambi já poderá beneficiar-se da educação dada por intermédio das bondosas irmãs. Qualquer comunicado, dirigi-lo à

**Diretoria da CRB.**

# Serviços Procuratórios

A Conferência dos Religiosos do Brasil criou o Serviço de Procuradoria com a finalidade precípua de bem servir às entidades religiosas. O grande número de processos a nosso cargo atesta a grande receptividade que esta iniciativa obteve, logo de início, junto às instituições religiosas. Este Serviço vem sendo continuamente aperfeiçoado, seja pela especialização dos funcionários, seja pelas constantes melhorias que vimos introduzindo, visando atualizá-lo para melhor atendermos com presteza e eficiência qualquer exigência dos Ministérios. O objetivo é sempre o mesmo: o de bem servir.

É portanto, dentro deste espírito, que nos dirigimos às instituições que nos honram com a sua preferência e, em geral, a todas entidades religiosas.

Damos, em breve resumo, o movimento de 1964:

Até o segundo semestre de julho, a CRB protocolou mais de 6 000 processos.
---

Em vista do grande número de instituições que deixam de requerer seus auxílios, por não terem deles conhecimento ou por outro motivo qualquer, achamos aconselhável, nesta nossa participação, fornecer sugestões que serão sem dúvida de utilidade.

Para as entidades que ainda não se utilizam de nossos serviços, seria de toda a conveniência nos comunicarem quais as obras mantidas pela congregação. Por ocasião da publicação do Orçamento da União, poderíamos localizar estes auxílios, no caso de a entidade ser contemplada, e comunicar o fato ao interessado, enviando-lhe as necessárias instruções para a sua habilitação junto aos Ministérios. E, para melhor ilustrar o que fica dito, já tem acontecido não termos fichado determinada subvenção, em virtude de o nome não estar relacionado em nossos arquivos, quando na verdade se trata de obra pertencente à congregação ou sociedade da qual somos procuradores.

Muitas vezes a entidade nos científica da existência de um auxílio no meio ou quase no fim do ano. Neste prazo exíguo é difícil conseguir-se resultados satisfatórios, apesar do nosso interesse e esforço. É do conhecimento de quase todas as instituições que uma verba não requerida dentro do exercício em que foi consignada fica escriturada em "restos a pagar".

Logo após a publicação do Orçamento da União, e ao ter conhecimento de que foi contemplada, deverá, a instituição, providenciar os documentos com brevidade. É grande o número de entidades prejudicadas por negligenciarem este detalhe. O Serviço de Procuradoria da CRB comunica no princípio de cada ano às entidades, de cujos processos está encarregado, a existência das verbas. E não é demais lembrar que, após o recebimento de qualquer tipo de auxílio federal, toda instituição está obrigada, à devida *prestação de contas*. O não cumprimento desta exigência dificulta e até mesmo impede o recebimento de auxílios que estão com seus processos completos.

As entidades que estiverem com os seus processos requeridos, estudados e portanto habilitados, serão as primeiras beneficiadas quando da autorização do pagamento.

Pelo fato de desconhcerem a maneira de confeccionar documentos, não é motivo para protelarem o requerimento de suas verbas. O Serviço de Procuradoria está apto e ao inteiro dispor das entidades religiosas para responder a qualquer consulta a respeito de subvenções.

É comum constar, na nossa correspondência, comunicação de que apesar de a instituição ter recebido três reiteraões nossas, não foi possível preparar os documentos por falta de tempo ou por estar ela sobrecarregada de serviço. Não pomos em dúvida tal afirmação; apenas insistimos, em benefício da casa religiosa, que é indispensável dar prioridade a este assunto.

Nós, que diariamente estamos nos Ministérios, já temos ouvido comentário a respeito. E a interpretação dada é de que existe desinteresse por parte das instituições. Cumpre corrigir este modo de proceder, não só para tirar a falsa impressão de que as entidades não necessitam de recursos, como também para não estimular por parte dos órgãos governamentais medidas em represália que, se concretizadas, trariam prejuízos incalculáveis aos religiosos.

Solicitamos o obséquio das instituições que já utilizaram dos nossos serviços, mas que presentemente não o fazem, que nos comuniquem, para efeito de atualização de nossos arquivos. Quando a entidade receber carta nossa, favor esclarecer-nos se já tem outro procurador ou se está tratando do processamento diretamente.

Não nos move neste comunicado qualquer intuito de crítica a esta ou àquela entidade. Estamos expondo a situação do processamento de verbas, tal como ela se apresenta. Cremos que seremos devidamente compreendidos. E para finalizar, muito esperamos da colaboração dos religiosos para que o Serviço de Procuradoria prossiga com a sua função de *bem servir*.

LUIZ GIORGIS RODRIGUES  
*Procurador*

*A ação apostólica, e hoje mais do que nunca, exige necessariamente recolhimento, mortificação dos sentidos e do espírito, contemplação. O mundo moderno corre velozmente e é preciso que o Apóstolo o acompanhe, acelerando e intensificando a sua atividade, mas esta preocupação de seguir o ritmo do mundo deve ser contrabalançada, prudente e eficazmente, com outra: a da intensificação da vida interior.*

*Do contrário, cai-se fatalmente no falso misticismo de ação: ação que ofusca a vida do espírito, ação vazia, ação sem luz, sem vida, ação que em vez de trazer pelo Apóstolo o mundo a Deus, leva o Apóstolo a ser absorvido pelo mundo; não conquista, mas derrota.*

Card. CICOGNANI — transcrito de O Diário, 14-06-64, sob título "A Missão do assistente da Ação Católica"

# Sentido da Pastoral

PE. VIRGÍLIO ROSA NETTO, C. SS. R.

**O** QUE É PASTORAL? Pastoral, entendida como ação, é tudo aquilo que todos nós fazemos, como pastores do rebanho de Cristo. É o complexo daquelas atividades, através das quais, na Igreja e pela Igreja, Cristo realiza o mistério da Salvação, a implantação do Reino de Deus, que se desenvolve, até que se cumpra totalmente o plano divino e se manifeste a Cristo na plenitude de sua glória, Cristo total, Deus tudo em todos.

Tôda a ação pastoral não é senão o exercício da tríplice função messiânica que Cristo continua a levar a efeito através da Igreja: missão de Profeta, de Sacerdote, de Rei.

Missão profética, pela palavra, em tôdas as suas formas. Testemunho autenticado pelo sinal do milagre, presença visível de uma ressurreição, a santificação da Igreja. Pregação que proclama a todos os homens Cristo, Revelador do Pai, Doador do Espírito Santo, para que todos O recebam, com Ele estabeleçam, pela fé, um primeiro contato pessoal, livre, fundamento de uma aliança de vida. Pregação que faça crescer e desenvolver-se este conhecimento vivo de Cristo. Pregação que seja o alimento de um convívio íntimo, de diálogo, de vida de oração.

Missão sacerdotal, pelo culto, pela liturgia, celebração do mistério de Cristo. Culto no qual o homem glorifica a Deus e é por Deus glorificado, ressuscitado, santificado. Culto que é a realização de todo o mistério da Salvação, proclamado pela palavra e aceito na fé.

Missão real, pela qual Cristo, Fundador e Cabeça do Corpo Místico, visível na pessoa daqueles que Ele colocou à frente da Igreja para serem seus pastores, conduz esta mesma Igreja, à luz de um mesmo Espírito Santo, que a ilumina interiormente, pelos caminhos da realização da comunhão de vida na caridade. Comunhão de vida que é êxtase de contemplação das coisas do alto, mas que é também um dinamismo de luta e conquista, de santificação do mundo.

## Movimento que desperta

A Pastoral é tão antiga como a própria Igreja. A Igreja sempre a exerceu. A ação pastoral é constitutiva da própria Igreja. No entanto, uma reflexão aprofundada, que nos permita abranger, numa visão de conjunto, todos os seus aspectos, que nos mostre o nexo das diversas funções, a relação íntima daquilo que fazemos com o mistério de Cristo e da Igreja, o sentido da História, cuja trama é tecida pela Pastoral, tudo isso a que damos o nome de Teologia Pastoral é, como a própria Teologia da Igreja, realização dos nossos dias. E como a resultante de providencial convergência de "movimentos" que a Igreja assume em Concílio, não apenas como um corpo de doutrina explicitadora do depósito de Verdade que lhe foi confiado, mas como orientação, diretrizes de uma profunda e total revisão da Pastoral.

Não chegamos a vislumbrar tôdas as razões profundas dos designios divinos, mas não podemos deixar de nos maravilhar diante das sapientísimas disposições de Deus, ao suscitar movimentos, como o movimento litúrgico, o movimento bíblico, o movimento do apostolado dos leigos, e outros. Êsses movimentos prepararam providencialmente o momento carismático da história da Igreja, que estamos vivendo: o Concílio Ecumênico Vaticano II, milagrosamente convocado pelo Papa João XXIII. Um Concílio que não visa primordialmente a defesa do sagrado depósito de Verdade e Santidade, mas a revisão total da Pastoral. A intenção do Concílio é que desta revisão resulte uma Pastoral que seja realmente a Salvação do homem de hoje. Um mundo que se transforma. Uma nova civilização que surge, uma nova humanidade, feita de homens criados por Deus, chamados por Deus à comunhão de vida feliz. Uma humanidade que descobre novas e imensas possibilidades de realizar-se como dominadora do Universo, mas que, na busca da felicidade, apela para o encontro com Deus em Cristo, que lhe sane as contradições íntimas, que estão a impedir a satisfação plena de suas profundas aspirações: o pecado, o desconhecimento de Deus, do sentido da História. Só em Cristo esta humanidade será reconciliada com Deus Pai, reconciliada consigo mesma. E só a Igreja, pela Pastoral, pode levar Cristo ao mundo. Não uma verdade nova, nem uma graça e uma glória do Senhor diversas, mas uma apresentação desta Verdade, um oferecimento da Graça, que sejam realmente um encontro, uma aliança salvadora, uma solução radical de todos os problemas e conflitos.

## A Pastoral em nossos dias

A Igreja sempre guardou e há de conservar sempre intato o depósito de Verdade Eterna que Cristo e os Apóstolos lhe confiaram. Jamais deixou a Igreja de santificar pelo culto de Cristo, intocado e inviolado na sua substância. Nem a estrutura institucional da Igreja, querida por Cristo, nem tampouco a riqueza carismática que lhe comunicou o Es-

pírito de Cristo, poderiam ser objeto de renovação, no sentido de uma demolição total, para construção de novo edifício, desde as fundações.

É necessário, porém, e urgente fazer uma revisão completa do funcionamento desta imensa máquina divina e humana que é a Pastoral, após quase dois mil anos de atividade contínua. É preciso verificar se nos seus detalhes acessórios, acrescentados no correr dos tempos, corresponde ela ainda às intenções, às finalidades previstas no projeto divino. Examinar a sua produtividade de santificação e salvação. Não estará a sua eficiência comprometida pela inserção de dispositivos estranhos, mentalidades profanas e temporais, alheias ao Espírito do Evangelho? Não estará desatualizado o processo pastoral, em consequência de enferrujamentos, de falta de lubrificação, um certo imobilismo pouco esclarecido diante de uma realidade humana, em mutação sempre mais acelerada? Defeitos e deficiências a serem apontados naquela parte de colaboração humana, que o próprio Cristo quis integrasse o mistério de sua Encarnação, o mistério de sua presença transformadora do mundo, através da Igreja.

### Um pouco de história

A revisão da Pastoral é atestada já no Novo Testamento. O condicionamento de origem humana dos Apóstolos, saídos do judaísmo, levou a desvios pastorais na questão das observâncias judaicas impostas aos cristãos convertidos do paganismo. Sabemos como São Paulo, em Concílio, se insurgiu contra Pedro, a fim de que fôsse revista a praxe pastoral.

Não cabe passar aqui em revista os vinte séculos de ação pastoral, apontando na sua origem as causas de múltiplos desajustamentos da Pastoral hodierna. Reconhecemo-nos incompetentes para isso. Aliás, a complexidade dos fatos históricos torna difícilimo averiguar as relações de causa e efeito entre situações do passado e realidade atual. No entanto, a título de ilustração, apresentarei algumas observações, que parecem ser de domínio comum.

Após um primeiro período de penetração do mundo greco-romano, hostil e perseguidor, período marcado com o sangue dos mártires, sinal de autenticidade das formas de pregação, culto e vida comunitária (leiam-se as cartas de São Paulo) — expressões de uma mentalidade cristocêntrica, de uma profunda convicção do sentido escatológico da História — veio a Paz Constantiniana, fazendo do Cristianismo a religião do Império, tornando a Igreja a herdeira e transmissora da Cultura que haveria de plasmar a civilização medieval e, através dessa, toda a civilização ocidental moderna. Mas o que pareceu uma vitória total não deixou de ter, no que se refere à ação pastoral, consequências menos felizes.

Baste recordar uma certa mentalidade imperialista, triunfalista, um certo juridismo de cunho burocrático. Uma inautêntica inserção da Igreja no temporal. Diminuição, na prática, do respeito devido à liberdade pessoal do homem perante Deus. Uma certa perda do sentido da Pastoral, não mais entendida como serviço de promoção de encontro livre, da aliança dos homens com Deus.

Quanto à pregação, o ideal de defesa do monopólio da Verdade, como doutrina. Tôda ênfase é dada a uma sacralização, quase que forçada, através de uma liturgia de cunho mais protocolar e ritualista, que se fossiliza aos poucos, perdendo o seu caráter de vivência comunitária, de participação pessoal e ativa de todos. Um ideal equivoco de Pastoral inserida numa civilização inautenticamente sacralizada, teve por conseqüência o desvirtuamento da função pastoral da hierarquia: surgiu a figura do bispo príncipe senhor feudal. Afastamento do leigo de participação na ação pastoral. Um clericalismo de tendência absolutista, centralizadora. Tudo isso representou e representa obstáculo ao exercício da função do encontro entre os homens e Deus.

Da ruptura inevitável entre Igreja e civilização medieval — sob muitos aspectos, inautêntica em seu cristianismo, principalmente no que se refere à ação pastoral — nasceu a Idade Moderna. Em Pastoral, passou a Igreja a atitude de defensiva, tornou-se agressiva em seus revides, como a demonstrar certo complexo de inferioridade diante do homem moderno, crítico, insubmisso, cioso de sua liberdade e autonomia, mesmo diante de Deus. A revolta protestante, tentativa de reforma, que pretendia corrigir os defeitos da Igreja, desencarnando-a, estava em oposição ao plano de Deus. No entanto, a autodefesa da Igreja contra o Protestantismo teve por conseqüência, no plano da ação pastoral, um agravamento das tendências ao imobilismo e à centralização. Imobilismo da Verdade, transformada quase num corpo de doutrina abstrata, retirada do contexto de vida em Deus e nos homens. A Bíblia tornou-se praticamente um livro fechado para os católicos. Empobreceu-se a Teologia e, por conseqüência, a pregação. Imobilismo da Liturgia, por assim dizer congelada em suas formas acidentais, para salvar-se o substancial, com imenso prejuízo da função pastoral de fazer chegar esta mesma substância do culto de Cristo ao povo; função mediadora do sinal do mistério vivido em Cristo e na Igreja. Acentuou-se ainda mais a desarmonia entre pregação e liturgia, entre liturgia e vivência do mistério. Não se ignorou, é certo, muito menos se negou, ser a fé o início, o fundamento da Salvação, e que o sacramento requer disposições do sujeito que o recebe, mas, na prática pastoral, dominou a mentalidade que considera o sacramento sinal eficaz, *ex opere operato*, um sinal quase mágico de santificação. Muita Pastoral se reduziu a mera sacramentalização. Chegou-se quase ao monopólio da ação pastoral, por parte da cúpula jerárquica, no que se refere àquela flexibilidade de adaptação ao real, retirando-se quase inteiramente aos bispos o exercício daquela função muito própria de mediação: que é a de favorecer o encontro dos homens com Deus, por meio da adaptação da Pastoral à realidade humana, em que se insere a diocese.

De tudo isso resultou, e resulta, no que tange à Pastoral, uma Igreja como que prisioneira de si mesma, paralisada diante de um mundo que apela em altos brados por Cristo, solução de suas muitas angústias. Uma Igreja que se esvai em hemorragia, que perde substância pela apostasia

de vastas porções do rebanho de Cristo, porque a ação pastoral não faz circular de modo suficiente a vida, o mistério de Cristo em seus membros. Uma Igreja desatualizada em Pastoral.

### O "milagre" do Concílio

Quando essas tendências, diríamos antipastorais, pareciam atingir uma espécie de paroxismo inibidor, aconteceu o milagre da convocação do Concílio pelo Papa João XXIII: um Concílio para atualização da Pastoral, de "aggiornamento" da Igreja. Estes dias de Concílio, que vivemos, são momentos culminantes de toda a história da Igreja. São palavras do Papa Paulo VI à Cúria Romana, pouco antes de iniciar-se a segunda sessão do Concílio: *Pareceu-nos oportuno que a Cúria Romana tomasse conhecimento conosco desse grande acontecimento (o Concílio). Não que ela tenha se esquecido de meditar sobre a enorme importância do Concílio, durante a sua primeira sessão, antes pelo contrário, ela percebeu a extraordinária e complexa dimensão do mesmo, mais que qualquer outro setor da Igreja e da opinião pública, ao ponto de deixar transparecer às vezes algum espanto e alguma apreensão em relação à convocação conciliar, inesperada e improvisada, e a respeito da gravidade dos problemas que esta convocação deveria suscitar: mas, para que tal consciência seja aprofundada em todos nós, torne-se uniforme e confiante, seja intimamente penetrada pela persuasão que um grande e misterioso acontecimento, guiado pelo Espírito Santo, está se desenvolvendo em torno à sepultura do Príncipe dos Apóstolos, está envolvendo este centro providencial da Igreja Católica no fluxo potente daquelas forças arcanas do Reino de Deus, faz aumentar as suas funções que indicam a posição central na história da humanidade remida e que põem à prova severamente, publicamente, as suas virtudes, quase a constrangê-lo a ser o que deva ser, luz de sabedoria e de santidade para o mundo inteiro.*

### Sentido da atualização da Pastoral

Qual o sentido dessa renovação da Pastoral? Quais as diretrizes profundas dessa atualização? Acredito ser prematura qualquer tentativa de síntese. No entanto, parece-me que podemos apontar três polos de atração, um sentido tríplice da atualização pastoral: Cristo, a Igreja, a realidade humana do momento histórico.

#### 1. Cristo

O que é Salvação, Pastoral, senão o encontro promovido do homem com Deus em Cristo? Um fato de vida, um acontecimento histórico, entre pessoas. Uma aliança, um Reino que se constitui, que se edifica, numa comunhão de vida com o Pai, por meio do Filho, no Espírito Santo. Comunhão de vida, que é hoje comunhão de luta e conquista, e que, amanhã,

será comunhão de vitória. A Salvação é um Mistério. A Pastoral é um Mistério. Mistério, não primordialmente no sentido de coisa oculta, misteriosa, mas no sentido de uma intervenção de Deus na história dos homens. Mistério, do qual toda a realidade, em termos de presença e dinamismo, é a pessoa mesma de Jesus Cristo.

Intervindo livremente, misericordiosamente, gratuitamente, na história humana, o Pai enviou-nos o Filho, para dar-nos o seu Espírito, e convocou-nos à comunhão de vida, a comunhão de luta e vitória, no Filho. Isto é Igreja: *Ecclesia* — a assembléia dos convocados em Cristo. Tudo se origina, pois, em Pastoral, de um livre decreto da bondade divina. Tudo é execução de um plano arquitetado por Deus mesmo, com seus desdobramentos, suas metas provisórias e finais. Este plano, esta intervenção misericordiosa, estas metas, tudo isso se revela em Cristo, se realiza em Cristo.

Uma primeira diretriz, mentalidade que deve orientar-nos em Pastoral, será uma consciência da dimensão cristocêntrica do que estamos fazendo, consciência de estarmos operando o mistério de Cristo, consciência de engajamento na execução de um plano em desenvolvimento; uma visão das coisas centrada na pessoa de Jesus Cristo, uma visão escatológica da História. Consideração da pessoa de Jesus Cristo, no seu mistério de intervenção em nossa vida: Ele é o Princípio, Ele é o fim de todas as coisas. Cristo ontem, hoje e para sempre. O contato de vida espiritual com a pessoa de Cristo, na Fé, na Esperança, na Caridade é básico, mas é necessário que sob a orientação da Igreja, com o auxílio do Espírito Santo, procuremos o contato com Cristo, dentro do contexto da História da Salvação, tal qual nos é apresentado na Bíblia. A nossa visão do mundo deve ser bíblica. Não podemos nos conservar com uma visão abstrata, desencarnada, como a dos antigos manuais de seminário. Muito menos, seria válida em Pastoral uma compreensão naturalista, laicista da vida e da História.

Uma segunda diretriz de renovação pastoral nos vem da consideração da Encarnação de Cristo. A intervenção salvadora de Deus neste mundo se faz por Encarnação. Deus condescende com a humanidade. A Palavra eterna se faz palavra humana, traduz-se para nós, para que haja contato pessoal em termos humanos, quer dizer, no qual o espírito se põe em comunicação, em comunhão de vida, através do corpo, por meio de sinal sensível. É de modo humano que Cristo realiza o mistério da divinização dos homens, é habitando entre nós que ele torna filhos de Deus aos que o recebem pela fé. Reconcilia-os com o Pai, pela sua morte e glorificação, atestadas por testemunhas de vista e até de tato. Funda uma Igreja divina e humana para que realize, até o fim dos tempos, a Salvação de maneira humana: por meio de uma presença de contato pessoal entre homens, através da presença corporal, do sinal sensível. Apliquemos esta maneira de ver a Salvação, a Pastoral, como intervenção na história humana, mistério de Deus encarnado, as funções pastorais da pregação e do culto.

## 2. Pregação

A ação pastoral de comunicar a Cristo através da palavra deve ser condescendente, como condescendente foi o próprio Deus ao encarnar-se: deve esforçar-se ao máximo por se traduzir na linguagem daquele a quem se dirige. Deve encarnar-se perfeitamente no tempo, no momento histórico. Não significa isso, naturalmente, que devamos assumir os erros e os pecados dos homens, mas representa o empenho por encontrar a melhor maneira, a maneira mais conforme aos planos divinos, de dissipar os erros e redimir os pecados. A maneira que o próprio Deus estabeleceu para tirar os homens da sombra da morte e reconciliá-los pela conversão. Deve a palavra ser uma presença humana reveladora do Pai, dos seus desígnios, um testemunho explicitador do mistério da Salvação em Cristo, apresentado em toda a sua dimensão: uma Boa-Nova do Reino, proclamada na linguagem que melhor possa ser entendida. Palavra de Deus encarnada, que deve ser presença pessoal, possibilitando o encontro pessoal do ouvinte com Cristo. Momento fundamental da ação pastoral é a decisão livre, a opção diante de Cristo, a inserção pela fé no mistério de Cristo. A fé é o fundamento e o início da Salvação. Fé, engajamento pessoal. É um dos pontos fundamentais de uma pastoral renovada no mundo de hoje: nossa pregação deve ser uma pregação para a fé. Não podemos continuar a supô-la onde não existe. Não podemos forçar a opção. O respeito pela liberdade do homem, mesmo perante Deus, somente o avaliaremos justamente como uma das coisas essenciais em Pastoral, se tivermos presente a dimensão histórica (de acontecimento entre pessoas livres) do Mistério da Salvação. Como Cristo, não fomos enviados ao mundo para condená-lo, mas para salvá-lo. Pela opção que fizer, é o próprio homem, que se julga perante Cristo. Se crer não será julgado, mas se não crer já está condenado. Esta apresentação de Cristo à opção dos homens é a pregação missionária, de evangelização, mistério pastoral prioritário, imprescindível num mundo que não conhece a Cristo, ou que, praticando alguma coisa de cristianismo, muitas vezes não teve a possibilidade de realizar a escolha fundamental, por falta de quem lhe viesse pregar a Cristo, como mistério de Salvação total e único. É por isso que grande parte da massa, que dizemos cristã e católica, se deixa levar com incrível facilidade pelos muitos falsos cristãos. Outra consequência para a pregação, derivada dessa convicção da dimensão histórica e encarnada da Salvação, é a responsabilidade de fazer crescer o conhecimento de Cristo sempre ao nível do desenvolvimento cultural. É a catequese que não pode limitar-se à idade infantil, mas deve durante toda a vida fazer com que se sustente o diálogo entre o fiel e Cristo, mostrando-lhe Cristo encarnado na linguagem do adolescente, do adulto. Seja-lhe, em todas as fases da vida, a solução pessoal, clara, a amizade que representa o encontro com Aquê que é a Verdade, o Caminho, a Vida. Nossa pregação deve também ser um alimento de manutenção desse contato pessoal do homem com Deus: em Cristo e na Igreja. Uma palavra que introduza o diálogo da oração, da vida em familiaridade com Deus. É o caráter próprio da pregação homilética.

A pregação, presença de Cristo encarnado, que atua pela força do Pai, deve ser autenticada pela atuação quase corporal dessa força, pelo milagre visível de uma Igreja transformada, pelo Espírito de Cristo, uma Igreja de caridade sobrenatural, de santidade de vida.

A renovação da pregação requer renovação da Teologia, especialmente daquela que se ensina nos seminários: sem renunciar aos enriquecimentos acumulados no passado, é necessário que a Igreja, sob a direção do Espírito Santo, que visivelmente age pela hierarquia e distribui invisivelmente os seus carismas onde quer e como quer, volte ao contato com Cristo vivo, qual é apresentado na Bíblia e na Tradição primitiva. De outro lado, é urgente que a Igreja se volte para a realidade humana do momento, aprenda a maneira de expressar-se dos homens de hoje, torne-se apta a traduzir Cristo, a encarná-lo para o homem contemporâneo.

Por fim seria quase desnecessário lembrar que a encarnação da Palavra implica o emprêgo de todos os meios modernos de comunicação: imprensa, rádio, televisão, cinema etc.

### 3. Liturgia

Cristo, porém, não é apenas Profeta, não apenas anuncia a Salvação. Ele a realizou em si próprio, para nós, num ato de culto a Deus. Ele é o Sumo Sacerdote da Nova e Eterna Aliança. Pelo sangue derramado, em obediência e amor, estabeleceu a mediação, entre o homem e Deus, através de sua humanidade. Este ato de culto foi a realização do Mistério da Salvação. Glorificou ao Pai, por seu sacrifício, e foi pelo Pai glorificado. Este culto único, definitivo de toda a humanidade, Cristo, agora glorioso, exerce-o na Igreja. *Porque assim como Cristo foi enviado pelo Pai, também Ele enviou os Apóstolos cheios do Espírito Santo, não somente para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, por sua morte e ressurreição nos havia libertado do poder do demônio, e conduzido ao Reino do Pai, mas ainda para que a obra que anunciavam, da Salvação, pelo Santo Sacrifício e pelos Sacramentos, em torno da qual gira toda a vida litúrgica, eles a exercessem* (Const. da Sagrada Liturgia).

Toda a Igreja é consagrada para participar do exercício do Sacerdócio de Cristo. No sinal cultural, nos sacramentos, na Missa é sempre Cristo vivo, comemorado no ato histórico de culto, que efetuou uma vez para sempre, que presentemente realiza toda a realidade da Salvação, um perfeito ato de mediação na Igreja e pela Igreja, um ato de culto sacramental que é prognóstico da perfeita comunhão de vida que aguardamos na revelação final. E o Mistério da Salvação, anunciado pela pregação e aceito na fé que se realiza no culto litúrgico. Daí, uma das diretrizes de renovação pastoral há de ser restabelecer a ordem entre pregação e sacramento: primeiro a palavra, a aceitação pessoal do mistério pela fé, o engajamento no mistério de Cristo. Os sacramentos são de fato sinais eficazes. Mas não são sinais mágicos. São a realização cultural de uma comunhão de vida, de uma aliança, de um acontecimento entre pessoas livres . . . antes que os

homens possam chegar à Liturgia, é necessário que sejam chamados à fé e a conversão: como invocarão Aquêles em quem não creram? Ou como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão sem pregador? E como pregarão êles, se não forem enviados? — Eis por que a Igreja proclama o anúncio da Salvação aos que não crêem, a fim de que todos os homens conheçam ao único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo que enviou, e endireitem seus caminhos fazendo penitência. Aos crentes deve sempre pregar a fé e a penitência e além disso deve prepará-los para os sacramentos, ensiná-los a observar tôdas as coisas que o Cristo mandou, e atraí-los para tôda obra de caridade, piedade e apostolado, pelas quais se torne manifesto que os fiéis não pertencem certamente a êste mundo, mas são a luz do mundo, e glorificam o Pai diante dos homens (Const. da Sagrada Liturgia).

Da própria natureza da ação litúrgica — realização encarnada em sinal sensível do culto de Cristo participando pela comunidade tôda — decorre, para todos os fiéis, o direito e o dever de uma participação plena e ativa, muito embora seja próprio de alguns escolhidos o exercício ministerial dêsse culto na pessoa de Cristo, por tôda a comunidade. Para que haja participação plena e consciente, é necessário que o sinal litúrgico seja realmente uma encarnação, quer dizer, esteja inscrito na comunidade como um sinal expressivo, inteligível para todos, daquilo que se realiza. São diretrizes do Concílio: *A Santa Madre Igreja deseja ardentemente que todos os fiéis sejam levados à participação plena, consciente e ativa nas celebrações litúrgicas; que é requerida pela própria natureza da Liturgia, e é para o povo cristão, geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de aquisição, em virtude do Batismo, um direito e um dever. Esta participação plena e ativa de todo o povo deve ser considerada com a maior atenção ao se renovar e incrementar a Sagrada Liturgia: com efeito é a fonte primária e indispensável, na qual os fiéis podem haurir o verdadeiro espírito cristão e por êsse motivo, em tôda ação pastoral, deve ser diligentemente procurada pelos pastôres de almas, por meio de uma formação conveniente... Nessa renovação devem os textos e ritos serem dispostos de tal forma que as coisas santas, que significam, sejam expressas de modo claro, e o povo cristão na medida do possível, possa percebê-las com facilidade, e participar delas por uma celebração plena, ativa e comunitária.*

### **Nossa missão na Igreja**

Do confronto da ação pastoral com o mistério de Cristo surge em nós uma autêntica consciência de Igreja. Consciência daquilo que devemos ser na Igreja: continuadores da missão de Jesus Cristo. O que exercemos é mediação. Estamos a serviço de Cristo, a serviço daqueles que Ele amou a ponto de dar a vida por todos: todos os homens. Se é a Igreja que exerce esta mediação, devendo portanto ter no mundo uma atitude fundamental de serviço de Deus e dos homens, muito mais deve ser esta a atitude dos que foram chamados a serem na Igreja os ministros autorizados,

qualificados dessa mediação: o clero, a hierarquia. Nada contraria mais o sentido da Pastoral do que a mentalidade do dono, de dominação. Encarnada, a Igreja é, por instituição, organizada hierarquicamente, como que uma expressão sacramental da Unidade em Cristo e no Espírito Santo. No entanto, a autoridade na Igreja há de exercer-se no respeito e acatamento à grande realidade de um Corpo Místico, todo carismático, no qual o Espírito vivifica como quer, onde muitas e variadas são as vocações, onde todos são chamados a cooperar na ação pastoral.

De outro lado, estando todos a serviço de uma só mediação, de um só Cristo total, é necessário que esta ação pastoral se exerça colegialmente. Uma fé, um batismo, uma Igreja pela união ao Bispo, pela união dos Bispos em torno do sucessor de Pedro. Sem que isso implique diminuição de uma necessária liberdade das Igrejas locais no exercício de sua importantíssima função mediadora de se adaptarem à realidade humana na qual estão inseridas. Necessária portanto uma certa descentralização da ação pastoral, uma maior participação ativa de todos aqueles que nela tomam parte, desde a fase de tomada de contato com a realidade, planejamento etc. Atenção particular merece pois o leigo. Os leigos são também Igreja, chamados a exercerem a ação pastoral, a serem agentes de uma autêntica Pastoral de Conjunto.

Será esta mentalidade, esta consciência de Igreja, mentalidade diríamos de serviço, de colegialidade, de Pastoral de Conjunto, que resolverá os mil e um probleminhas levantados por egocentrismos infantis, individualismos que inibem, esterilizam a ação pastoral e fazem da Igreja uma contratação de Cristo. Não somos os donos da Verdade, nem proprietários exclusivos da Graça e do Espírito de Cristo. Apenas administradores, dispensadores. Incumbe-nos guardar com zelo o tesouro que nos foi confiado, mas fomos chamados também para promover-lhe a inserção no momento histórico.

Esta consciência de Igreja, despertada no Concílio, vai se concretizando em iniciativas como a da presença colegial do episcopado no governo supremo da Pastoral, das conferências regionais ou nacionais dos bispos, da organização comunitária da pastoral, tanto paroquial como ambiental, e, ousamos dizer, expressa-se admiravelmente como uma efusão do Espírito Santo, em novos Pentecostes, nos encontros de sacerdotes.

### **Realidade humana contemporânea**

Se a Pastoral é serviço de Cristo, que quer levar Deus aos homens todos a Deus, se essa obra de mediação se faz pela inserção do Mistério de Cristo na História dos homens, por uma encarnação por assim dizer do Mistério de Cristo, é necessário que dirijamos a ação pastoral para os homens de hoje. É a esses que nos incumbe salvar.

Antes de tudo é urgente libertar-se de um certo derrotismo perante o mundo. Como se estivesse definitivamente encerrado o tempo da ação pastoral. Como se a Igreja devesse passar, em Pastoral, à defesa apenas do precioso depósito que recebeu, saudosa talvez da sua primeira campanha

de cristianização do mundo — a Idade Média — nem assim tão bem sucedida, sob muitos aspectos. É preciso que a Igreja saia ao encontro do homem de hoje, da nova civilização, confiada na força de Deus, na vitória de Cristo, no poder transformador de sua Páscoa, de seu Pentecostes.

É preciso conhecer os homens de hoje, ter-lhes um grande amor, um amor extremo e uma compaixão como a de Cristo que deu a vida por todos. Não apenas às pessoas, mas também as próprias estruturas de vida humana, porque também elas devem encontrar a Cristo e ser por Ele sanadas, transformadas em Reino de Deus, Reino de Paz, de Justiça, de Amor. Uma nova humanidade surge: pela ciência o homem descobre o Universo, realiza-se como o dominador da Criação. Tem nas mãos os meios da técnica, imensas possibilidades de criar uma cidade de comunhão de vida humana, mais perfeita, mais feliz. No entanto, esta humanidade é como uma criança indócil: desperta para a vida, quer afirmar-se, tem profundas e autênticas aspirações. Mas, interiormente está dilacerada pelo pecado — a ruptura com Deus, seu Criador, seu Princípio e Fim. Ignorá-lo, pretende ignorá-lo, revolta-se contra Ele e não encontra mais quem lhe dê resposta às perguntas angustiantes sobre o sentido da vida, o sentido da História. Desespera-se, ou se embala em ilusões, sonhos de generosas e monstruosas utopias, inumanas, impossíveis, por prescindirem de Deus, exaspera-se em frenesi de gozo individualista, egoísta. E tudo resulta em tensões, em ódios, em guerras, em destruição, em suicídio. É missão da Igreja promover, pela ação pastoral, o encontro deste homem contemporâneo com Deus, seu Pai, seu Criador, seu Salvador. Somente Cristo, aceito na fé e na vida, vivido como Mistério na Igreja é a solução dos problemas, das angústias, realização plena das aspirações. Encontro que só poderá acontecer em termos de compreensão, de conhecimento mútuo. Nessa abertura para a realidade humana contemporânea a participação do laicato é indispensável, insubstituível. O leigo será a ponte lançada sobre o fôssco de separação, através da qual a Igreja, saindo do castelo, no qual se enclausurou, promoverá o Encontro de Cristo com a nova Cidade. Não apenas será lá a presença da Igreja e de Cristo, mas será dentro da Igreja a humanidade nova: dir-nos-á como é o homem, ensinar-nos-á a expressar-nos na linguagem que ele entende.

A realidade humana a atingir pela ação pastoral não se limita evidentemente aos que fogem de Deus, aos que não conhecem a Cristo. Nosso interesse e simpatia pastorais devem abraçar também aqueles a quem chamamos de irmãos separados. Separados, mas de alguma maneira unidos a Cristo. É preciso investigar as motivações que os levam a persistir nessa atitude, reconhecendo lealmente que boa parte da culpa cabe a nós da Igreja, pelos desajustamentos da Pastoral. Orientados por um mesmo conhecimento de Cristo, por um mesmo amor ao Redentor, devemos partir para uma revisão que consiste, a meu ver, exatamente nessa renovação da Pastoral. Renovada a Pastoral cairá o muro que nos separa. Poderão reconhecer na Igreja aquela face de Cristo que atualmente não conseguem identificar.

Urgentíssimo, evidentemente, é um esforço no sentido de melhor conhecimento da realidade humana, daqueles que nós consideramos as ovelhas de dentro do ovil. Não será o cristianismo de tipo medieval, institucional, de sacramentalização quase que por fôrça do ambiente, de tradição patriarcal, assentado em base frágil, por falta de adesão consciente, pessoal a Cristo? Quantos dos nossos fiéis sacramentados vivem realmente uma opção diante do mistério de Jesus Cristo, têm consciência do batismo? Será Cristo realmente o sentido da vida para êsses cristãos? Sentem o batismo como inserção no mistério de Cristo presente na Igreja? Ou será êsse ritualismo, êsse devocionalismo, em grande parte, apenas a expressão tão facilmente sincretista? Por que o espiritismo, a umbanda, penetram sem encontrar resistência? Será que os nossos cristãos têm verdadeiramente fé na ressurreição? Acreditam no mistério da Igreja? Resistirá um cristianismo dêsse tipo às transformações rápidas das estruturas sociais, que hoje atingem praticamente tôda a população mesmo a dos núcleos mais distantes da zona rural? Urbanização, promoção das classes menos favorecidas na cidade e no campo, campanhas de alfabetização. Facilidades de comunicação etc. Quem não vê que tôda essa imensa maioria da nossa população, despertando para um mundo nôvo, terá que fazer uma opção diante de Cristo?

Para o conhecimento dessa realidade será necessário fazer levantamentos e principalmente proceder a análises lúcidas dos dados recolhidos. Imprescindível será o emprêgo de modernas técnicas de sociologia religiosa, a orientação da sociologia, da psicologia diferencial, evolutiva etc. Sômente depois de possuirmos o conhecimento da realidade humana, poderemos passar ao planejamento, ao estabelecimento de metas prioritárias, à mobilização da fôrças disponíveis. E um dos problemas mais importantes será o da identificação dos grupos naturais em que vai encarnar-se a ação pastoral.

*Os Padres "Servos da Caridade" e as Irmãs "Filhas de Santa Maria da Providência" comunicam, jubilosos, à grande família religiosa do Brasil que seu Venerável Fundador, Pe. Luiz Guanella, será beatificado no próximo dia 25 de outubro.*

## Note e Anote:

### CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL DE BOMBAIM (ÍNDIA)

*Como é sabido, o XXXVIII Congresso Internacional de Bombaim será celebrado, de 28 de novembro a 6 de dezembro do presente ano de 1946. Oferecemos por isso documentos interessantes traduzidos do "Sundy Examiner", semanário católico de Hong-Kong, de 6 de março último. — (Nota da Redação).*

DECLARAÇÃO DE S. EM.<sup>a</sup> O CARDEAL VALERIANO GRACIAS, ARCEBISPO DE BOMBAIM, APÓS SUA RECENTE VISITA A DELHI. — O mais importante objetivo para assegurar o êxito da organização do Congresso Eucarístico Internacional é ganhar a boa vontade do govêrno, dos corpos públicos em geral, assim cristão como não-cristão. Para tal fim, fôrça é persuadir a todos os interessados do caráter ímpar do evento e das suas aplicações à vida cultural e moral de nossa Nação. Tal é o principal escopo da nossa recente missão a Delhi. Esperamos confiadamente que o Congresso trará à Índia em geral, e a Maharashtra e Bombaim em particular, consideráveis vantagens: no plano material, será promovido o turismo com o conseqüente afluxo de divisas estrangeiras, o que tão necessário é no momento; no plano cultural, o maior conhecimento do povo e da cultura da Índia com suas múltiplas facetas, assim como dos povos e culturas de outros países, o que criará um entendimento e aprêço mútuos, e ajudará a promover a integração nacional e a cooperação internacional.

No plano espiritual, que é sempre muito mais importante, — podemos esperá-lo com confiança — baixarão em abundância as bênçãos de Deus sôbre nosso país e nossa cidade, quando temos hóspedes de um Congresso que proclama a primazia do espiritual e o amor universal dos homens. Hoje em dia, a vida humana progride em tôdas as direções, rumo a novas fronteiras de realizações e está surgindo um nôvo homem, que se acha de posse de enormes recursos, mas que encontra sua vida afligida e destruída por falta de amor de Deus e dos homens. As numerosas e novas nações que recentemente têm chegado à existência estão sequiosas de levar uma vida nova e de fazer sua própria contribuição particular ao nôvo mundo. Entre elas está a Índia que possui uma antiga tradição, segundo a qual tôda renovação deve começar pela renovação de um mesmo mundo. Com uma verdadeira renovação de si mesmo em seus membros, no meio das nações, a Igreja Católica pode fazer uma

assinalada contribuição no futuro delas e no futuro do mundo. Um dos lemas do Congresso, "Ordenai vossas vidas no amor", indica muito oportunamente o verdadeiro fim do esforço missionário cristão, que não é o de dominar política ou culturalmente, mas levar aos homens o amor vivificador de Cristo. A essa luz, sente-se — e não sem razão (como o mostrará o comunicado oficial adjunto) — que a Índia, Maharashtra e Bombaim, em relação com o Congresso Eucarístico Internacional de 1964, se elevará à altura de suas maiores tradições de boas-vindas, hospitalidade e efetiva ajuda. E as garantias por nós recebidas são, sem dúvida, as mais alentadoras, considerando que a organização de um acontecimento internacional de tal monta será necessariamente difícil e complexa.

Tive o privilégio e o prazer, por ocasião de minha visita a Nova Delhi, de entregar pessoalmente ao Primeiro Ministro a carta autógrafa de Sua Santidade o Papa Paulo VI e as três medalhas comemorativas do Concílio Vaticano II. A carta do Santo Padre assim reza:

*Ao honradíssimo Jawaharlal Nehru, Primeiro Ministro da Índia.*

*Tendo sabido por Nosso amado filho, o Cardeal Valeriano Gracias, Arcebispo de Bombaim, que, na sua volta para a Índia, depois da segunda sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, pensa em visitá-lo, Nós, por meio dele, demos a comissão de entregar a Vossa mui honrada Excelência esta Nossa mensagem de saudação e bons desejos.*

*Temos conhecimento das numerosas atenções que tendes mostrado à Jerarquia da Índia ao facilitar a preparação do Congresso Eucarístico Mundial, que será celebrado em Bombaim no próximo ano e aproveitamos esta ocasião para expressar a Vossa Excelência Nosso cordial aprêço e agradecimento.*

*À mui honrada Excelência e ao governo e povo da Índia, enviamos Nossos votos e orações pela prosperidade, bem-estar e paz, em penhor dos quais queremos que o Cardeal-Arcebispo de Bombaim apresente a Vossa Excelência, em Nosso nome, as três medalhas que comemoram a celebração do Concílio Ecumênico Vaticano II, enquanto invocamos sôbre a amada nação da Índia as mais ricas bênçãos do alto.*

*Vaticano, 12 de dezembro de 1963.*

PAULO PP. VI



*Respondendo aos representantes da imprensa dinarquesa sôbre os objetivos do Concílio, assim se expressou S. Em.<sup>a</sup> o Cardeal Bea, DD. Presidente do Secretariado pela União dos Cristãos:*

*— Sabeis que o Papa João XXIII ao convocar o Concílio apontou êle mesmo sua finalidade: a renovação da Igreja ou, mais exatamente, a busca dos traços de sua ardente juventude, a apresentação da doutrina de modo a que o homem de hoje a compreenda e aceite de boa vontade, a adaptação da disciplina, dos costumes e do apostolado às circunstâncias atuais e enfim imprimir um novo impulso a todos os cristãos para que êles procurem ainda mais intensamente a unidade desejada e implorada por Cristo.*

## CRB Informa...

**CRB-Nacional** — Em complemento da notícia já dada sob esta epígrafe, no último número da Revista, é justo destacar ainda, com outras notas, o sentido prático e a conjugação de idéias em que decorreu a Reunião dos Dirigentes Vocacionais levada a efeito em Morungaba, de 18 a 27 de julho passado. Foi tal a importância e o esmero consagrados nos estudos dessa Reunião, que se fala já do ESPÍRITO DE MORUNGABA, como verdadeira base e fonte de orientação para todo movimento vocacional no Brasil.

Morungaba é uma pequena cidade do interior paulista, além de Jundiá, entre Itatiba e Serra Negra. Ambiente tranqüilo, religioso. Parreirais indicam a presença do imigrante italiano e seus descendentes. Gente sadia, forte, rude mesmo, valorizou a terra, tornando-a ordenadamente produtiva. É um encanto ver as plantações, o reflorestamento, tudo sistematizado.

Mas, Morungaba assumiu agora uma nova personalidade, mais um título : o de centro irradiador de um nôvo conceito de ação vocacional. Foi nela que se travou, entre sacerdotes seculares e religiosos, irmãos e irmãs educadores, um diálogo franco e generoso, objetivando uma maior união de forças para a solução do gravíssimo problema da carência de vocações sacerdotais e religiosas.

Apóstolos das vocações de todos os recantos do Brasil foram se encontrar em Morungaba. Humildes operários da messe do Senhor foram aí para contar de suas angústias, de seus trabalhos, de suas dificuldades, de suas experiências e de seus êxitos. Ouviram e foram ouvidos. Estimularam e foram estimulados. E muitos, tendo trabalhado tantos anos sôzinhos em suas regiões, verificaram que não estavam isolados em seu apostolado, pois havia outros apóstolos, em outras regiões, que também haviam trabalhado com a mesma Fé e com o mesmo amor a Cristo e ao Brasil.

A semana de Morungaba foi de trabalho intenso, de discussão de teses e de métodos, de troca de experiências e motivações, de unificação de objetivos, mas foi sobretudo uma semana de alegria, de intensa alegria espiritual, alegria pelo nascer de novas amizades em Cristo, alegria pela quebra de um isolamento na ação vocacional, alegria por sentirem todos os participantes que aquela reunião era desejada e agradável ao Senhor das vocações. Santa alegria que faz lembrar deva ter sido assim o encontro dos primeiros cristãos, nos primórdios da Igreja, nos tempos apostólicos, quando as distâncias, as dificuldades, as perseguições, tornavam sagrada a alegria nas reuniões dos primeiros divulgadores da Boa Nova.

Os participantes da Reunião saíram de Morungaba com a alma e o coração fortalecidos, cheios de Fé e de Esperança, decididos a comover a Deus e aos homens, para que muitas e santas vocações sejam despertadas, estimuladas e realizadas; para que os brasileiros se unam numa só

prece, a fim de que Deus se compadeça do Brasil e lhe mande os sacerdotes, irmãos e irmãs, de que a Pátria necessita para a realização do seu verdadeiro destino, livrando-nos a todos do subdesenvolvimento espiritual.

Este é o novo espírito da ação vocacional. É o "espírito de Morungaba", nova expressão que passará a circular em todos os quadrantes da Nação; novo anseio, que deverá informar as decisões dos dirigentes da Igreja no Brasil, bispos e provinciais de ordens e congregações religiosas, na imprescindível e intransferível tarefa de dar novos Cristos ao Brasil.

● Integrado no programa comemorativo do 10.º Aniversário da Conferência e atendendo às necessidades sempre crescentes no tocante aos problemas pastorais, organizou a CRB-Nacional o I CURSO DE PASTORAL, na cidade do Rio de Janeiro, na Casa Nossa Senhora da Paz, de 7 a 16 de julho último.

Cerca de 25 participantes, todos eles professores de seminário maior, manifestaram, desde o início até o último dia, seu agrado e proveito. Foi, no dizer de um deles, "um mundo novo que se abriu". E é confortador ver como os responsáveis chegaram a confessar seu entusiasmo, guiados pela franqueza e competência dos conferencistas face à "problemática pastoral, suas perspectivas e preocupações".

Está já anunciado o II Curso de Pastoral a ser realizado em Valinhos, SP, de 12 a 21 de janeiro próximo, sob o tema "Pastoral dos Sacramentos e dos Sinais".

### BATENDO A PORTA

Desta feita, é S. Ex.<sup>a</sup> Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, Bispo de Uberaba, Estado de Minas Gerais, que recorre à Conferência dos Religiosos solicitando a colaboração de uma congregação feminina.

Trata-se do HOSPITAL DE UBERABA, com aproximadamente 50 leitos, de propriedade de uma sociedade filantrópica, que deseja confiar sua administração, através de contrato, a 4 ou 5 irmãs religiosas. A moradia das irmãs está pronta.

Roga-se a quem puder atender este pedido a caridade de o encaminhar à

Diretoria da CRB.

## Recensões Bibliográficas

*A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio* (Estudos e comentários em torno da Constituição litúrgica do Concílio Vaticano Segundo), obra em colaboração editada por Frei Guilherme Baraúna, O.F.M., Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1964, 1 vol. enc., 220x 155 mm, 808 pp.

Além do texto oficial (com tradução portuguesa) da Constituição (pp. 17-39), traz este volume uma série de estudos e comentários de 22 autores (11 brasileiros e 11 estrangeiros). Destacamos as seguintes contribuições: Dom Cipriano Vagaggini, O.S.B., *Vista panorâmica sobre a Constituição litúrgica* (pp. 127-167); Frei Guilherme Baraúna, O.F.M., *Participação ativa, princípio inspirador e diretivo da Constituição litúrgica* (pp. 281-353); Frei Gebhard Fesemayer, O.F.M.Cap., *A família na celebração litúrgica* (pp. 405-423); Dom Adrien Nocent, O.S.B., *Em torno da reforma do Ordinário da Missa* (pp. 467-505); Pe. Louis Heusches, *Experiências vividas em torno da Pastoral dos Sacramentos* (pp. 541-609); Cônego Albano Kreuz, *Tarefas urgentes do movimento litúrgico no Brasil* (pp. 737-756).

Embora o presente volume forneça preciosos subsídios para a formação e atuação litúrgicas, em especial para o clero, não dispensamos a benemérita Editôra Vozes de nos proporcionar, quanto antes, um comentário completo de grande estilo da Constituição litúrgica do Vaticano II.

PADRE CARLOS FURBETTA, F.S.C.J.  
— *Sei Meditar Sôzinho*, I e II vols. br., c/ respect. 128 e 144 pp., 155x105 mm, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1964.

Dois opúsculos contendo meditações para seminaristas menores do 1.º e 2.º anos, se bem que, na falta de outros, servirá perfeitamente para tôdas as fases de férias de qualquer seminarista, porque os assuntos são sempre atuais e importantes. Para cada dia, uma meditação. Esta é apresentada por um exemplo empolgante e muita vez comovente. Seguem-se reflexões e finalmente colóquio com Deus e resolução.

Como insinua o título, SEI MEDITAR SÔZINHO constitui um compêndio prático e fácil para a meditação e, conseqüentemente, próprio para a preservação do seminarista no período das férias. Entretanto, achamos que a maioria das meditações serve também para outras pessoas que não se destinam ao sacerdócio, porque são verdades básicas para a vida cristã. Aliás, a doutrina é uma, as resoluções podem ser diferentes. *Onde está Deus? — pergunta o catecismo. Deus está no céu, na terra e por toda a parte.* Porém, muito cristão se esquece que Ele está, ou deveria estar, em seu coração, que está na Eucaristia! Sabemos disso e, em geral, de tudo quanto ensina a Igreja; mas, ao lermos, sempre recordamos muita coisa esquecida. O autor soube escolher bem os assuntos e expôs as matérias de tal modo que a gente procurará sôfregamente pela manhã o livrinho unindo o útil ao agradável.

DOUGLAS HYDE — *Dois Mundos em Choque*, Ed. Vozes, 1964, 1 vol. br., 160x110 mm, 372 pp.

Há livros que se lêem de uma só vez. Este é um deles. Livro, crônica de guerra, também é livro crônica de reportagem missionária.

O autor, antigo membro de prol, do Partido Comunista Britânico, narra neste livro aspectos da luta titânica, entre o comunismo e o catolicismo, nas lindas terras da Coréia, centro de sua missão jornalística. Mas ele não fala apenas dessa península. A sua viagem para lá chegar e de lá voltar levou-o a outras regiões asiáticas: Tóquio, Hong-Kong, Singapura... Em toda parte, nota-se que a preocupação de D.H. é observar o que os missionários têm realizado por essas paragens. Procura ser realista e exato. Mas é sobretudo na Coréia que ele exerce as suas fun-

ções de repórter. Nem sempre há rigor cronológico em suas narrações e antes se notaria certo descuido no arrolar dos acontecimentos. Mas, quantas informações nos apresenta! Assim, não deixa de impressionar quando nos diz que Tóquio, com todo o seu aglomerado de oito milhões de habitantes, é uma cidade sem esgotos.

Não esconde a sua profunda simpatia pelos coreanos. Como enaltece a ação missionária nestas terras! Os missionários são todos grandes heróis, sem exceção, ou se a houver, deve ser extremamente rara. E a conclusão de todas as suas andanças, perquirições e apontamentos é que realmente apenas existem duas forças a se oporem, na conquista dos povos asiáticos: o catolicismo e o comunismo. É o que justifica plenamente o título do livro: *Dois mundos em choque*.

I.J.D.

## REVISTAS

### Do Brasil:

*Cidade Nova* — Ano VI, n.º 1, 1964, São Paulo.

*Límiar* — julho 1964, Rio de Janeiro.

*Liturgia e Vida* — julho-agosto 1964, Rio de Janeiro.

*O Seminário* — julho-agosto 1964, Viamão, RS.

### Do Exterior:

*Boletim Informativo do CELAM* — maio 1964, Bogotá (Colômbia).

*Lumen* — julho 1964, Lisboa.

*Prêtres Diocésains* — junho-julho 1964, Paris.

*Religieuses D'Action Hospitalière et Sociale* — julho-agosto 1964, Paris.

*Rivista delle Religiose* — agosto-setembro 1964, Roma.

*Seminarium* — julho-setembro 1964, Roma.

*Sister Formation Bulletin* — Vol. X, n.º 3, Iowa (EUA).

*Vinculum* — março-abril 1964, Bogotá (Colômbia).